

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Arthur de Moraes Simonaio

Usos do passado: Gália, Hispânia e suas relações; Júlio César e Asterix, o gaulês

Alfenas /MG

2016

Arthur de Moraes Simonaio

Usos do passado: Gália, Hispânia e suas relações; Júlio César e Asterix, o gaulês

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
História Ibérica da Universidade
Federal de Alfenas para a
obtenção do título de mestre.

Orientador: Cláudio Umpierre
Carlan

Alfenas /MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Alfenas

Simonaio, Arthur de Moraes

Usos do passado: Gália, Hispânia e suas relações; Júlio César e Asterix, o Gaulês / Arthur de Moraes Simonaio. -- Alfenas/MG, 2016.
89 f.

Orientador: Cláudio Umpierre Carlan.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2016.

Bibliografia.

1. Roma (Itália). 2. Imperadores romanos. 3. Histórias em quadrinhos. 4. Espanha. 5. Gália. I. Carlan, Cláudio Umpierre.
II. Título.

CDD-930

ARTHUR DE MORAES SIMONAI

**“USOS DO PASSADO: GÁLIA, HISPÂNIA E SUAS RELAÇÕES; JÚLIO CÉSAR E
ASTERIX, O GAULÊS”.**

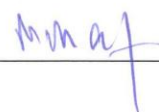
A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre em
História Ibérica pela Universidade Federal de
Alfenas. Área de concentração: Ensino e
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 10/05/2016


Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari
Instituição: Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP-SP

Assinatura: 

Prof. Dr. Tobias Vilhena de Moraes
Instituição: Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP-SP

Assinatura: 

Dedico a Deus e a minha família pelo
apoio a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de ciências humana e letras – ICHL da Universidade Federal de Alfenas.

Ao Programa de pós-graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas- MG.

Ao Profº. Drº Claudio Umpierre Carlan, orientador, pela dedicação, paciência e confiança na realização deste trabalho.

A minha amiga e companheira Amanda Barbosa Gorini, pelo apoio e auxílio na realização deste trabalho.

Ao Profº. Drº Pedro Paulo Funari e Profº. Drº Glaydson José da Silva, pelos conhecimentos transmitidos.

A todos, minha eterna gratidão.

“Estes romanos são uns loucos”

(Asterix, o gaulês, 1968)

RESUMO

Pretende-se analisar como Júlio César constrói a imagem de gauleses e romanos nos *Commentarii de Bello Gallico* e suas apropriações nos quadrinhos de Asterix e Obelix. Buscar-se-á na pesquisa estabelecer uma análise entendendo a formação da figura dos líderes, Júlio César e Vercingetórix, nas fontes estudadas. A análise a ser empreendida contemplará a guerra na Hispânia e da Gália e suas consequências na política romana.

Os gauleses posteriormente tiveram suas imagens apropriadas na França e um reflexo destas representações foram os quadrinhos de Asterix e Obelix, que integram esta dissertação propondo analisar as construções históricas que incorporam as HQ's, particularmente na revista "*Asterix na Hispânia*". A construção da imagem da Gália e dos gauleses e de sua relação com os romanos, ainda que pela ótica de César, integrará essa análise.

Palavras-Chaves: Roma, Júlio César, romanos e gauleses, representação, história em quadrinhos, memória, identidade nacional.

ABSTRACT

We want to analyze how Julius Caesar builds the Gauls and Romans in the image *Commentarii Bello Gallico* and its appropriations in the comics of Asterix and Obelix. Search is will establish a research analysis understanding the formation of the figure of leaders, Julius Caesar and Vercingetorix, in the studied sources. The analysis to be undertaken will include the war in Hispania and Gaul and its consequences in Roman politics.

The Gauls later had their appropriate images in France and a reflection of these representations were the comic book Asterix and Obelix, which are part of this thesis proposes to analyze the historical buildings that incorporate the Hq`s, particularly in the journal "Asterix in Hispania." The construction of the image of Gaul and the Gauls and its relationship with the Romans, even if through the eyes of Caesar, integrate this analysis.

Key Words: Rome, Julius Caesar, the Romans and Gauls, representation, comics, memory, national identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pintura Vercingetórix joga as armas aos pés de César	37
Figura 2 – Visão de Vercingetórix	38
Figura 3 –Vercingetórix e Júlio César.....	38
Figura 4 – Elementos anacrônicos no quadro	39
Figura 5 – Rendição de Vercingetórix nos quadrinhos	40
Figura 6 – Abertura da revista “ Asterix”.....	42
Figura 7 – Abertura da revista “ Independência do Brasil”	42
Figura 8 – Aldeia de Asterix a as guarnições romanas.....	42
Figura 9 – Asterix e o escudo arverno.....	44
Figura 10 – Planos de César para corromper a aldeia de Asterix.....	45
Figura 11 –Naftalina (mulher de Abracucix) sendo proclamada chefe	46
Figura 12 – Elementos feministas nas tiras.....	46
Figura 13 – Obelix rindo da calça “Djin”.....	47
Figura 14 – Gaulesas organizando um desfile	48
Figura 15 – Romanos sendo chamados de “bárbaros” e “ selvagens”	48
Figura 16 – O nome “César” como ofensa	49
Figura 17 –Símbolo nazista.....	49
Figura 18 – Egito sobre domínio romano.....	50
Figura 19 – Obelix e a esfinge.....	50
Figura 20 – Obelix e o nariz da esfinge	51
Figura 21 – A esfinge e o nariz	51
Figura 22 –Beatles nos quadrinhos	52
Figura 23 – Napoleão nos quadrinhos	52
Figura 24 –Vikings nos quadrinhos	53
Figura 25 – Representação dos jovens roqueiros dos anos 1960.....	54
Figura 26 – Arpa sendo usada como guitarra.....	54
Figura 27 –Vikings e o medo.....	55
Figura 28 – Encucadix e o medo.....	55

Figura 29 –Gauleses X Vikings	56
Figura 30 – A Gália e a França.....	57
Figura 31 –Sopa com os louros de César	58
Figura 32 –Triunfo romano e a troca da coroa de César.....	59
Figura 33 – Legiões romanas.....	60
Figura 34 –Ataque romano à aldeia romana.....	60
Figura 35 –Romanos X Gauleses.....	60
Figura 36 – Alésia nos quadrinhos	61
Figura 37 –Frase famosa de César (Vim, Vi, Venci).....	66
Figura 38 –Desfiles triunfantes de Roma	67
Figura 39 – Bem-aventurados os pobres de espírito	67
Figura 40 – Romanos com um cachecol vermelho.....	68
Figura 41 –Aparição de Dom Quixote	68
Figura 42 –Ciganos nos quadrinhos.....	69
Figura 43 –Festas tradicionais espanholas	70
Figura 44 –Touradas nos quadrinhos.....	70
Figura 45 –O enigma da ampulheta	75
Figura 46 –Visita ao museu.....	76
Figura 47 – Ala do Egito.....	77
Figura 48 – Voltando no tempo.....	78
Figura 49 – Em Roma a.C	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 JUSTIFICATIVA	15
3 OBJETIVOS	19
4 METODOLOGIA	20
5 REFERENCIAL TEÓRICO	21
5.1 OS COMMENTARII DE BELLO GALLICO E SUA IMPORTÂNCIA PARA ROMA ANTIGA E FRANÇA MODERNA	21
5.2 USOS DO PASSADO; CÉSAR, GAULESES E OS ROMANOS NOS QUADRINHOS E NA PINTURA	33
5.3 A HISPÂNIA ROMANA E ASTERIX NA HISPÂNIA	62
5.4 HISTÓRIA EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO	71
5.5 CLAUDINHOS E O ENIGMA DA AMPULHETA	73
5.6 MANUAL DO PROFESSOR	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	88

1 INTRODUÇÃO

O pensamento pós-colonialista tem influenciado nas últimas décadas os estudos sobre o mundo antigo. A história antiga ganhou novas perspectivas como usos do passado que consiste em analisar as fontes antigas e como elas foram reapropriadas em busca de uma causa (FUNARI, 2011, p.3). Este presente trabalho segue esta linha e tem por objetivo analisar como a história antiga tem sido utilizada na contemporaneidade. Hoje no Brasil temos alguns centros que trabalham com usos do passado, como na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) encabeçada pelo Pr^o. Dr^o Glaydson José da Silva e também pela Universidade Federal do Paraná, com a Pr^a.Dr^a Renata Senna Garraffoni.

Durante anos temos exemplos de como as fontes antigas tem sua reapropriação em prol de algo. No cinema temos a reconstrução de Cleópatra, na resistência francesa durante a segunda guerra mundial os gauleses serviram como exemplo para resistir ao invasor, na Alemanha nazista temos a busca de novas esculturas baseadas na antiguidade; assim como na arquitetura. A Guerra do Peloponeso também teve sua imagem adaptada sobretudo no século XX, a guerra entre Esparta e Atenas serviu de grande aparato para comparar duas potências na Guerra fria, EUA (Atenas, democrático, livre, capitalista) URSS (Esparta, fechados e militarizados), outro exemplo em que a história antiga foi usada para legitimar algo foi na Guerra do Vietnã, na qual o chefe de estado Henry Kissinger comparou os Estados Unidos como Atenas e o Vietnã como Melos, cidade tomada pelos atenienses (FUNARI, 2012, p.103). O general de Gaulle também foi comparado a Péricles, o qual teve que deixar seu território para o inimigo. Estes e outros vários exemplos são usados e tem servido de grande aparato para serem estudados (FUNARI, 2012, p.103). Nesta pesquisa veremos como os *Commentarii de Bello Gallico*¹ de Júlio César tem sido utilizado para a construção do herói nacional francês Vercingetórix e como surgiu Asterix em meio a este “jogo de construções”. A partir desta análise veremos como os franceses Albert Uderzo e René Goscinny construíram os Hispânicos na revista “Asterix na Hispânia”. Os quadrinhos trazem diversos elementos da cultura espanhola para construir a Hispânia romana, não somente neste volume, mas

¹ CÉSAR, Caio Júlio. **Guerra da Gália**. Trad. Francisco Sotero dos Reis. Edição eBooksBrasil.2001

também em todos ou quase todos os autores irão misturar fatos antigos e contemporâneos para dar vida a suas histórias. Asterix é um personagem gaulês criado na França em 1959 na revista *Pilote*, logo podemos tirar algumas conclusões sobre os autores e a revista em si. Primeiro, algo precisa servir de aparato para a construção da História em quadrinhos, e a resposta está na antiguidade. Durante anos a historiografia francesa tem construído a imagem dos gauleses e de Vercingetórix, o líder derrotado por César, reapropriando e colocando as suas imagens à status de heróis nacionais. Assim, os autores de Asterix (Albert Uderzo e René Goscinny) recriarão a guerra da Gália, trazendo de volta gauleses e romanos; mas sobre uma outra ótica, as revistas em quadrinhos.

Esta dissertação tem por objetivo analisar como as fontes antigas *Commentarii de Bello Gallico e Bellum Civile - Guerra civil* tiveram e têm sua importância para a Roma antiga e França contemporânea. Além disso será observado como Júlio César constrói a imagem dos seus inimigos na guerra da Gália e na guerra civil, e, conseqüentemente, a imagem de Vercingetórix, que posteriormente será reapropriada. E, por último, observar as revistas de Asterix e pesquisar como as fontes antigas estão sendo usadas. Pretende-se analisar o volume *Asterix na Hispânia* e chegar a conclusões que possam indicar como foi a construção dos espanhóis feita pelos franceses.

As histórias em quadrinhos representam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p.7). Temos diversas revistas dos mais variados tipos e temas, e isso faz com que as HQ não somente fiquem no mundo infanto-juvenil, mas se expanda para o meio adulto. Pode-se citar também que, atualmente, existem revista em quadrinhos valendo uma fortuna, tornando um objeto de colecionador. Mesmo com outros meios de comunicação, as Hq não tiveram seu fim decretado; pelo contrário, continuaram a atrair grande público para si. (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p.7)

As Hq's trazem diversos significados que misturam história e fatos contemporâneos. Como exemplo, são os quadrinhos de Asterix e Obelix, os quais fazem parte da cultura francesa. Os quadrinhos de Uderzo e Goscinny vão usar a história romana e gaulesa como base para elaboração de novas aventuras. A guerra na Gália servirá de aparato para a criação do personagem Asterix, a qual os gauleses derrotados por César são retratados em uma sátira ao Império romano. Em toda a coleção "*As aventuras de Asterix, o gaulês*", Roma será representada de modo bem diferente daquela que se conhece. Essas histórias em quadrinhos também terão um importante papel na França; com Asterix, os franceses vão reviver o passado gaulês, agora visto de outra

forma. Publicado pela primeira vez em 1961, a coleção foi recebida com grande entusiasmo pelos franceses, e o sucesso foi rápido. Hoje, as histórias em quadrinhos estão traduzidas em diversas línguas, não só ganhando público na França, mas em todo mundo. Em 2002, os quadrinhos ganham as telas de cinema com o filme *Missão Cleópatra*, do diretor Alain Chabat, tendo reunido 14.557.020 espectadores e conquistado o prêmio de maior sucesso da história do cinema francês (ROUVIÉRE, 2008, p.10). Os personagens gauleses dos quadrinhos têm a terminação de seus nomes em *-ix*, seguindo o modelo Vercingetórix. Os cartunistas fizeram um *tour* não só pelo território anteriormente compreendido como a Gália, mas em diversos países, envolvendo, assim, diversas culturas. Os quadrinhos terão por objetivo sempre conduzir o leitor para o contexto da época, sendo os personagens envolvidos sempre descritos no começo da revista (ROUVIÉRE, 2008, p.27-28).

As histórias em quadrinhos têm por objetivo levar as crianças a se interessarem mais pela história, facilitando a compreensão do assunto, pois, trazem a ideia de simultaneidade. Os elementos visuais despertam um interesse maior pelos quadrinhos, proporcionando uma compreensão da história contada (RAMA; VERGUEIRO, 2004.)

Os objetivos deste objeto educacional consistem em levar o aluno a um maior aprendizado sobre história antiga, levando para o aluno um material de fácil acesso, sendo que estará disponível em PDF; o professor pode aproveitar o material e utiliza-lo junto com o livro didático ao fazer os exercícios junto com os alunos.

2 JUSTIFICATIVA

Pretende-se analisar como Júlio César constrói a imagem de gauleses e romanos nos *Commentarii de Bello Gallico* e suas apropriações nos quadrinhos de Asterix e Obelix. Buscar-se-á na pesquisa estabelecer uma análise entendendo a formação da figura dos líderes, Júlio César e Vercingetórix, nas fontes estudadas. A análise a ser empreendida contemplará a guerra na Hispânia e da Gália e suas consequências na política romana.

Os gauleses posteriormente tiveram suas imagens apropriadas na França e um reflexo destas representações foram os quadrinhos de Asterix e Obelix, que integram esta dissertação propondo analisar as construções históricas que incorporam as HQ's, particularmente na revista "*Asterix na Hispânia*". A construção da imagem da Gália e dos gauleses e de sua relação com os romanos, ainda que pela ótica de César, integrará essa análise.

A guerra das Gália é narrada por Júlio César em sua obra *Commentarii de Bello Gallico*; nela o autor descreve a trajetória de vitórias dos romanos sobre povos "bárbaros" e narra, mais particularmente, a conquista de Roma sobre os povos gauleses. Durante a guerra, Vercingetórix irá surgir como o principal líder que vai ter a difícil tarefa de derrotar os invasores. A análise a ser empreendida contemplará a rendição de Vercingetórix do ponto de vista de César, com a descrição do líder gaulês grandioso, mas derrotado e humilhado, diferentemente da representação de Royer, na qual o chefe averno, mesmo tendo perdido a guerra, aparece imponente diante do general romano. De modo similar, os quadrinhos de Uderzo e Goscinny, fazem de Vercingetórix o grande protagonista da rendição, mostrando de maneira satírica e jocosa as armas do líder gaulês sendo literalmente jogadas aos pés de César.

A Antiguidade teve um papel muito importante dentro da construção de conceitos de identidade, particularmente aquele de identidade nacional, e, também, da ideia de herança cultural (HINGLEY, 2002). Grécia e Roma são, ordinariamente, as civilizações antigas cujos padrões são mais comumente reivindicados (BERNAL, 2003 DROIT, 1991 DUBISSON, 2001 VIDAL-NAQUET, 2002). Os gregos pelos conceitos mais democráticos, de cidadão, igualdade e leis, já os romanos pela política. Esses conceitos vão ser reificados pelo homem moderno, como forma de estabelecer compreensões de questões que lhe são contemporâneas, como na revolução francesa (TRABULSI, 1998). Assim, a história atendeu à finalidade de legitimar o presente, mostrando como as noções

de conceitos antigos, na modernidade, haviam sido herdadas do passado (RAGO; FUNARI, 2008).

As revistas de Asterix são uma importante fonte para estudar e analisar como as fontes antigas estão inseridas na contemporaneidade. Cada tira da revista traz ricas informações sobre diversos eventos históricos que muitas vezes passa despercebido pelo leitor, cabe o historiador ou especialistas, identificar e colocar para o público as diversas construções.

Os escritos de Júlio César (44.a C) são de extrema importância para a construção da identidade francesa, os *Commentarii de Bello Gallico* é um texto fundador da história da França (MARTIN, 2000, p.03); com ele foram construídas as imagens da Gália e dos gauleses ao longo dos séculos, e, também, de Roma e dos romanos, e dos romanos em relação aos gauleses. É por Roma e pelos romanos que os gauleses se tornam conhecidos aos seus “descendentes” (SILVA, 2007, p.62). A guerra narrada por Júlio César descreve a unificação das tribos gaulesas com o intuito de expulsar os romanos. O líder gaulês Vercingetórix une os povos e lidera as tropas para lutar contra o general romano, o que faz dele um defensor da futura França (CITRON, 1989). Os franceses viram que os gauleses eram seus descendentes, visto que compartilhavam o mesmo território. A França se identificou com os gauleses e as identidades não estão ligadas aos nossos genes, são formadas e transformadas no interior da representação. Isso também se dá em relação à história nacional. Segundo *Stuart Hall*, a nação não é uma entidade simplesmente política, mas sim algo que produz sentimentos. As pessoas não são apenas cidadãos legais, elas participam da ideia de nacionalismo. A nação é uma comunidade simbólica e isso faz gerar um sentimento de identidade, pertencimento e partilha de valores comungados, que tem por base a própria cultura (HALL, 2006, p.48). Asterix se tornou um símbolo nacional.

Esta dissertação se torna um excelente instrumento para aqueles que querem estudar como as fontes antigas tiveram sua importância na contemporaneidade, não somente especialistas na área, mas todos aqueles que apreciam história, história antiga e história em quadrinhos.

Para a realização do objeto pedagógico, foi necessário entender o público alvo e como são crianças, nada melhor do que construir uma história em quadrinhos junto com elas. O ensino de história passou por diversas modificações ao longo dos séculos e com isso temos o avanço de outras disciplinas como a antiguidade.

O estudo da história está ligado à identidade nacional e no século XIX não foi diferente. Influenciada pela escola francesa e pelo cristianismo católico o Brasil se ensinava uma história universal e pouco sobre o país. Com o passar dos anos este pensamento mudou e o ensino de história passou a fazer parte da academia formando professores especializados em História.

O Professor não pode apenas se limitar a aquilo que foi aprendido na academia, é necessário uma aproximação com que o meio que vai além dos muros da escola. Os pais, também devem estar presentes no ensino de aprendizagem do aluno. O aluno deve se o centro do processo de aprendizagem.

A inserção de diversas linguagens e fontes documentais no ensino da História torna o processo de ensino-aprendizagem mais rico e abrangente e, se trabalhado sob uma perspectiva interdisciplinar, poderá se tornar ainda mais dinâmico, favorecendo outros aspectos da História. Nos livros didáticos a inserção de fontes documentais possibilita uma maior visibilidade ao processo de construção do conhecimento histórico, o uso do documento para valorização do aluno como sujeito de conhecimento com capacidade de significação e para a referência ao professor como historiador, promovendo a indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

É fundamental destacar a formação docente como elemento favorável à utilização de novas fontes, práticas pedagógicas e linguagens no ensino da História. A mobilização nos cursos de Licenciatura, visando à criação de espaços de reflexão sobre as práticas pedagógicas do ensino de História na sala de aula é fator essencial para que os professores se encontrem preparados para o cotidiano escolar e para as inovações que caibam aos contextos específicos. O uso de fontes e linguagens documentais, na teoria, já dá abertura às mudanças favoráveis ao ensino, mas ainda há um longo percurso a ser conquistado para que sejam notadas às possíveis melhorias no contexto do ensino da História no Ensino.

Os jornais e as revistas de época podem levar o aluno a se entrar nas notícias e nos fatos que ocorriam naquele contexto, as fontes iconográficas, ilustrações, reproduções cartográficas, trazem uma melhor compreensão de períodos em que a tecnologia de informação não estava tão desenvolvida, e essas representações levam os estudantes a entender como eram as formas que isto era colocado para a sociedade, sobre as pinturas, e desenhos. As músicas trazem aquilo que o autor queria falar para uma sociedade e as letras da ditadura em especial eram dirigidas ao regime, algo que era proibido, logo são fontes riquíssimas para entender como as pessoas se comportavam diante da ditadura.

Cada uma das fontes citadas a cima tem o uso para o historiador, elas trazem muito sobre um passado que muitas sabemos pouco.

A sala de aula se torna um espaço em que o aluno será formado um espaço que ele aprende a pensar a interagir e expor suas ideias, um ambiente que será de grande importância para aumentar seu conhecimento.

*“ A sala de aula pode ser este espaço formador para o aluno.
Espaço em que ele aprende a pensar, elaborar e expressar
melhor suas ideias e a ressignificar suas concepções, ao ser
introduzido no universo dos saberes teoricamente elaborados e
nos procedimentos científicos de análise, interpretação”*
(GARRIDO,2001, p.3)

Portando ao propor uma construção de uma Hq com os alunos, pretende – se chegar a resultados expressivos sobre uma maior compreensão sobre a antiguidade clássica de uma maneira bem mais simples e didática que será a história em quadrinhos.

3 OJBETIVOS

Analisar como Júlio César constrói a imagem de gauleses e romanos frente a guerra da Gália;

Analisar os *Commentarii De Bello Gallico* e *Bellum civile: a Guerra civil* e sua importância para Roma antiga e França moderna;

Observar as revistas de Asterix e pesquisar como as fontes antigas estão sendo usadas;

Analisar o volume Asterix na Hispânia e chegar a conclusões que possam indicar como foi à construção dos espanhóis feita pelos franceses;

Levar o aluno um material de fácil acesso;

Auxílio ao professor;

Maior aprendizagem sobre história antiga (Roma).

4 METODOLOGIA

A metodologia de análise neste trabalho consistirá inicialmente na leitura e análise cuidadosa das fontes e da bibliografia, com a finalidade de refletir sobre a representação de Roma e dos romanos nos textos. A fonte antiga se refere ao *Commentarii de Bello Gallico* e *Bellum civile: a Guerra civil*, documento principal desta proposição de pesquisa; nela será analisada, primordialmente, a representação de gauleses e romanos frente à guerra da Gália visto que é a partir do relato de César que suas imagens são construídas. Julio César é um político ao mesmo tempo escreve os seus relatos da guerra e também é o general encarregado da conquista da Gália. A partir destes relatos temos diversas representações, seja em revistas, cartazes, mercadorias, gravuras, pinturas, quadrinhos e etc.

Os quadrinhos serão usados como objeto de pesquisa para a monumentalização dos gauleses, assim como o líder averno se tornou, estudando de uma forma mais cômica a relação de César com os gauleses. Do ponto de vista epistemológico, serão feitas leituras que auxiliem em uma maior compreensão dos textos como fontes de pesquisa para o historiador e livros da historiografia atual que tratam o tema.

Para o Objeto educacional a metodologia de análise consistirá inicialmente na leitura e análise cuidadosa das fontes e da bibliografia, com a finalidade de refletir sobre o ensino de história e o uso da história em quadrinhos na sala de aula. Para a construção da história será necessário o uso do programa Comic Life 3, que possibilita a criação de uma história em quadrinhos a partir dos desenhos feitos em sala de aula.

O material deverá ser aplicado após a aula sobre antiguidade, mais especificamente Roma antiga, mas o projeto também pode ser aplicado a outros temas como Grécia, cabe apenas ao professor adaptar a história e orientar os alunos sobre os desenhos.

5 REFERÊNCIAL TEÓRICO

No século II.a.C, os romanos haviam conquistado as colônias do norte da Itália, ocupando Milão logo antes de Aníbal chegar a área. Depois das guerras Púnicas, Roma se expandiu além dos Alpes para conquistar sua primeira província além da Itália: uma Gália chamada de “Província” ou Gália Narbonense. (MATYSAK, 2013, p.98). O aprimoramento militar romano deu grande vantagem sobre seus inimigos, agora Roma contava com táticas militares mais sofisticados e com grandes estrategistas como Caio Júlio César. A guerra da Gália foi um palco de pura estratégia militar de ambos os lados: Vercingetórix, o líder gaulês, serviu no exército romano entre os bitúrigos; logo, ele conhecia as táticas de guerra romanas (SCHIMIDT, 2010, p.150). Já César se mostrava um exímio estrategista militar ao comandar suas tropas sobre a Gália.

5.1 OS COMMENTARII DE BELLO GALLICO E SUA IMPORTÂNCIA PARA ROMA ANTIGA E FRANÇA MODERNA

As incursões de Roma na Gália fizeram com que os gauleses enfrentassem as tropas de César. A conquista da Gália durou seis anos, de 58.a.C à 52.a.C. Entre momentos pacíficos e de rebelião, Roma controlava aquela região, mas, 52.a.C é marcado por um levante liderado por Vercingetórix. O general inicia sua campanha contra as tropas de Vercingetórix em 52 a.C. A Guerra da Gália é narrada por Júlio César em sua obra *Commentarii de Bello Gallico*; nela o autor descreve a trajetória de vitórias dos romanos sobre povos “bárbaros”, e narra, particularmente, a conquista de Roma sobre os gauleses. Nesta guerra, Vercingetórix surgirá como o principal líder que vai ter a difícil tarefa de derrotar os invasores. É na obra *Commentarii de Bello Gallico* que se vê erigir, aos olhos de César, a figura dúbia do chefe arverno – grande líder e derrotado, base para a fundamentação de uma epopeia de invenções, usos e abusos da história.

A guerra da Gália fez de Vercingetórix um líder que posteriormente se transformaria em defensor das causas nacionais; sua imagem não foi abalada pela derrota, tendo sido reapropriada como a de um grande guerreiro. O herói surge como exemplo a ser seguido e é inscrito no tempo presente.

“Figuras heroicas perpetuadas na memória por meio de monumentos, obras historiográficas e literárias, nomes de ruas, mercadorias, estabelecimentos etc. estão sempre presentes na vida cotidiana e no imaginário nacional, em uma espécie de celebração constante da história da nação, reproduzida e afirmada pela história e ao longo dela.” (SILVA, 2007, p.61).

O general romano constrói a imagem de gauleses e romanos em seus *Commentarii de Bello Gallico*, sobretudo no livro VII, onde é narrado o levante das comunidades gaulesas, cerco de Avárico, tomada de Lutécia, rendição de Vercingetórix.

As Guerras sempre se mostraram presentes na história da república romana e isto acentua o vínculo entre o militar e a política. César era um general e também um político romano. Ao fazer o relato dos seus inimigos, havia todo um cuidado em mostrar como eles eram, pois poderia aumentar ou diminuir seu status diante de Roma, como observa Norma Musco Mendes.

“A guerra e a vitória militar eram essenciais para a obtenção de gloria, fortuna, dignitas e auctoritas, elementos fundamentais nas relações de poder na sociedade republicana (MENDES, 2002, p.87).

César sabia da importância de uma vitória na Gália, sua popularidade aumentaria colocando-o frente a grande prestígio e poder em Roma e também ao senado. Relatos da guerra eram enviados para a capital e não podemos esquecer que Júlio César tinha que sustentar seu status frente a Pompeu que se mostrava vitorioso no oriente.

A Gália ao demonstrar agitação para se iniciar uma rebelião contra Roma se torna um trampolim para César, uma oportunidade de aumentar sua popularidade frente aos seus inimigos políticos. O general romano intervém incendiando comunidades gaulesas em tentar acabar com o motim, mas isto só piora, quando em 52 a.C., os romanos são massacrados em Orléans, é o sinal da revolta gaulesa sob liderança de Vercingetórix. Júlio César acompanha a situação na Gália e também o que está ocorrendo em Roma, sabendo que sua carreira militar não poderia ser isolada da política. Mesmo longe da capital, o general faz seu jogo político ao levar notícia da Gália por meio de boletins de vitória enfáticos a Roma para atrair para si popularidade e afasta-la de Pompeu e Crasso (SCHMIDT, 2010, p.135). César também contava com apoio de seus soldados, estratégia

fundamental em conseguir atingir seus objetivos. A confiança de sua tropa era a chave para tanto de sua autoridade, quanto de seu sucesso militar durante sua carreira. (SCHMIDT, 2010, p.136).

Não somente no *Commentarii de Bello Gallico* que a guerra é narrada, outras fontes nos trazem informações sobre Júlio César e suas conquistas. A guerra da Gália atingiu grandes proporções de grandeza tendo importância militar e política; César precisaria colocar equilíbrio na glória militar de Pompeu; e por isso a guerra da Gália começa a apresentar uma imensa oportunidade para a obtenção de mais poder. Ao final do conflito, o número de escravos feitos é enorme (um milhão, segundo Plutarco). Somente assim, seria possível com que César compartilhasse do poder frente Pompeu. Plínio, o Velho, escreve no sétimo livro da *História Natural* (91-99) sobre os massacres de Júlio César na guerra civil durante a passagem do Rubicão e na Gália.

“O milhão e 200 mil mortos, massacrados por César com o único fim de conquistar a Gália”. “Eu não posso – diz Plínio – incluir nos seus títulos de glórias um tão grave ultraje feito por ele ao gênero humano”. Veleio Patérculo fala de 400.000 mortos na Gália e o mesmo tanto ou mais de prisioneiros (II, 47,1). Plutarco conhece a cifra “redonda” de um milhão de vítimas e um milhão de prisioneiros (Pompeu 67,10, César 15,5). (CANFORA, 2007, p.156-157).

A ideia central deste capítulo é analisar como Júlio César descreve seus inimigos, observar do ponto de vista do conquistador o conquistado; propondo como os gauleses eram descritos, lembrando que ocorria uma disputa por poder com Pompeu e seus inimigos teriam que demonstrar grandes dificuldades para aumentar a grandeza da guerra. O líder arverno também integrará esta pesquisa, pois foi por meio de César que sua imagem foi construída e posteriormente os franceses a reapropriaram como herói nacional e símbolo de resistência.

Finalmente ao estudar a imagem dos personagens procura-se responder algumas perguntas ao decorrer da pesquisa. Gauleses são representados fracos ou fortes? Os romanos, uma guerra difícil ou um inimigo desorganizado? Vercingetórix é inimigo covarde ou honrado? A importância desta pesquisa está na busca de se procurar como Júlio César descreve seus inimigos, e assim, exaltando Roma numa guerra árdua, porém

vencedora; e como o líder arverno teve sua imagem construída como herói nacional francês. A fonte principal desta pesquisa é os *Commentarii de Bello Gallico* escrito por Júlio César durante a campanha na Gália.

Neste período da república romana, Pompeu, Crasso e Júlio César formavam uma aliança intitulada de triunvirato. A Gália não estava sob domínio romano e começa a demonstrar certa agitação provocada por comunidades germânicas, as quais migraram para o oeste, rumo à região onde hoje é a França. Para conter revoltas inicias em 58 a.C, Júlio César inicia sua campanha militar na Gália. Entretanto, Roma entrou em guerra contra os helvécios, os quais começaram a migrar em direção à Gália; eles vieram de conflitos contra os povos germânicos, o que causou essa movimentação. Os helvécios conquistaram algumas cidades dos éduos, aliados de Roma; contudo, César logo interviu com uma guerra e expulsou-os da região (CANFORA,2007, p.131-133). Este episódio não acalmou toda a Gália, foi apenas uma das batalhas que César teve que intervir (GRIMAL, 1993, p.27).

Vercingetórix surge como “inimigo de Roma” liderando os arvernos. Após insurreições das comunidades gaulesas já pacificadas anteriormente, o general romano decide levar suas legiões para acabar com o motim (GRIMAL, 1993, p.27-28). É importante observar que Vercingetórix serviu no exército de César entre os bitúrigos; logo, conhecia a estratégia romana (SCHMIDT, 2010, p.150).

Ao analisar os *Commentarii de Bello Gallico*, nos deparamos com um discurso de Vercingetórix escrito pelo próprio César. Ele encoraja sua cavalaria dizendo sobre uma nova Gália, livre do jugo romano. A batalha é descrita como “dia da vitória”. “VII, LXVI ... *dize-lhes ter chegado o momento da vitória: Que os Romanos fugiam para a província, e se retiravam da Gália*” (CÉSAR,2001, p.236)². César começa a lidar com um novo problema: Vercingetórix.

Os *Commentarii de Bello Gallico* trazem os relatos da guerra, as dificuldades, o inimigo, entre outros aspectos. É importante ressaltar que a obra não descreve toda a vida de Júlio César, mas apenas o período do conflito (58.a.C – 52.a.C). Nesta campanha, o cônsul romano esperava demonstrar sua glória, seus sucessos, a imagem de si mesmo, de um general vitorioso.

² *Commentarii de Bello Gallico*

“Quanto aos Comentários” de Júlio César, ambos os da Guerra Gálica e da Guerra Civil fornecem valiosa informação, mas eles são extremamente potentes, subjetivas e sagazes obras de autopromoção e propaganda pessoal, disfarçadas entre aparente autocontenção e modéstia. Seu real objetivo é revidar insultos pessoais, e no processo nós encontramos César silenciosamente tomando o crédito pelos sucessos que seus subordinados tenham conseguido, culpando outros e não a si mesmo por fracassos (como Gergovia), explicando que suas aparentes agressões (notadamente a invasão da Bretanha) não eram de todo injustificadas.” (GRANT, 1995 apud SOUZA da SILVA. 2006, p.38).

O autor não mostra o porquê da importância em se relatar a guerra da Gália. Júlio César é quem escreve os *Commentarii de Bello Gallico*, sempre em terceira pessoa, na busca em impor sua objetividade.

“[...] curioso é o fato de grande orador que é, fascinar a todos com eloquência e ser um dos poucos historiadores que não utiliza discursos eloquentes em suas histórias. Ilustram o De Bello Gallico os relatos rápidos, resumidos e em estilo indireto, sem frases eloquentes.” (VERISSIMO, 2008, p.33)

É importante notar que a obra de:

“... César é o neo-ático, claro, preciso, objetivo, conciso, despojado de floreios poéticos. É o estilo de uma língua correta, sem muito espaço para figuras de linguagem, criação de neologismo ou vocábulos de natureza mais voltada para o poético. Trata – se de uma obra de registro histórico, de relatos de uma campanha militar, o que parece exigir mais o tipo de linguagem escolhido pelo autor”. (VERISSIMO, 2008, p.31)

Portanto Júlio César como autor do *Commentarii de Bello Gallico* não nos deixa claro o porquê da importância de relatar a guerra. Sua imagem é construída para uma autopromoção, mostrar um inimigo poderoso, uma série de dificuldades durante o conflito, as quais foram superadas, estratégias certeiras ocasionando em uma superioridade militar.

Para registrar sua campanha César não escreve somente dos romanos mais também dos gauleses.

“VII, LXVI - Em quanto estas coisas se passam, reúnem-se as tropas inimigas, vindas dos Arvernos, e a cavalaria, que a toda a Galia havia sido exigida. Reunida esta em grande número, como Cesar marchasse para os Sequanos pelas extremas fronteiras dos Lingones, veio Vercingetorix em três acampamentos colocar-se a dez mil passos dos Romanos, e, convocados a conselho os prefeitos da cavalaria, dize-lhes ter chegado o momento da vitória: “Que os Romanos fugiam para a província, e se retiravam da Galia. Se isto lhes era assás para a liberdade no presente, não o era de certo para paz e sossego no futuro, porque haviam de voltar, reunidas maiores forças, e continuar a fazer-lhes guerra, Assim deviam atacá-los, quando embaraçados na marcha. Pois, se a infantaria se demorasse em socorrer aos seus, não havia de fazer a jornada se, o que lhe parecia mais provável, tratasse de salvar-se, abandonando as bagagens, havia de ficar privada do necessário e desacreditada. Quanto aos cavaleiros inimigos, não deviam eles mesmos duvidar, que nenhum se animaria a avançar, por pouco que fosse além do grosso do seu exército: que, não só para atacarem com maior ânimo como para se aterrarem os inimigos, havia ele de ordenar todas as tropas em batalha diante dos arraiais. ” Clamam os cavaleiros, que convém fazer o juramento sacratíssimo de se abrigar debaixo de teto, nem ter acesso aos filhos, aos pais, e à mulher, aquele que não cavalgar duas vezes por entre o exército inimigo. ” (CÉSAR, 2001, p.236)

Diante deste cenário, Júlio César precisava ganhar tempo para um melhor preparo de suas tropas e aguardar a vinda de mais legiões. Vercingetórix tenta enfraquecer o exército romano e adota a estratégia da “terra arrasada”, algo que não era comum entre os gauleses; logo, sua proposta é recusada de abandonar e destruir Avárico. Temendo que os recursos fossem pegos, o líder arverno então constrói um forte para proteger a cidade, mas é derrotado; contudo, as provisões que se encontravam ali foram saqueadas, causando um duro golpe na estratégia gaulesa, que não contavam com essa vitória romana. (CANFORA, 2002, p.147). César marcha sobre Gergóvia em menor número; todavia, diante de uma cidade bem fortificada, se vê obrigado a retirar-se.

“Num primeiro momento César pensou em retirar-se; depois acreditou divisar um ponto fraco no sistema de defesa inimigo e

tentou com sucesso o assalto às fortificações colocadas no declive das colinas próximas a Gergóvia. O assalto a Gergóvia, que resultou numa derrota com mais de 700 mortos (entre os quais muitos oficiais) foi um passo em falso (creditada por César à iniciativa insubordinada dos próprios soldados) ”.
(CANFORA, 2002, p.148).

Ressalta-se que Júlio César descreve a sua derrota para Vercingetórix em Gergóvia. Após a vitória, Vercingetórix tentou marchar para combater os romanos, mas sua estratégia não deu certo. Ele enfrentou os romanos e foi prontamente encurralado pelas legiões de Labieno por César e por algumas comunidades germânicas aliadas de Roma. O líder arverno é derrotado, sua cavalaria foi drasticamente reduzida, e líderes importantes do seu exército foram capturados; assim, ele foi obrigado a retirar-se para Alésia (SCHMIDT, 2010, p.154).

Em Alésia, Vercingetórix não tem outra alternativa, somente lhe resta à rendição. Júlio César descreve este encontro colocando o líder arverno diante dele, exigindo a deposição de suas armas e fazendo cativo os que sobreviveram ao conflito como prêmio de guerra.

*De Bello Gallico*³.

“VII, LXXXIX - No dia seguinte Vercingetórix, convocando o conselho dos seus, demonstra-lhes que havia empreendido a guerra, não por interesse seu particular, mas pela liberdade comum, e visto que se tinha de ceder à força, se lhes oferecia para uma das duas coisas, ou para com a sua morte satisfazerem aos romanos, ou para o entregarem-no vivo aos mesmos, como melhor entendessem. São a tal respeito mandados embaixadores a César, que ordena sejam entregues as armas e trazidos à sua presença os chefes. Estabeleceu o mesmo o seu tribunal num forte em frente dos arraiais: são para ali levados os chefes; rende-se-lhe Vercingetórix, são depositas as armas. Reservando os Heduos e os Arvernos, a ver se por eles recobrava as respectivas cidades, o restante dos cativos o distribuiu por cabeça a cada soldado a título de despojo. ” (CÉSAR,2001, p.236)

³ Caio Júlio César. *Guerra da Gália*

Plutarco⁴ também irá descrever este último encontro entre os líderes. Temos duas fontes que narram à mesma passagem.

“21.6. De fato, estes não souberam da vitória antes de serem ouvidos os gemidos dos homens de Alésia, os gemidos dos homens e os lamentos das mulheres, que tinham visto então cá e lá, em várias partes, muitos escudos ornados de prata e ouro e muitas couraças sujas de sangue, e ainda taças e tendas gaulesas levadas pelos romanos para o acampamento. 7. Tão rapidamente como fantasma ou um sonho, o exército tão poderoso desapareceu e se dispersou, tendo a maior parte dos homens tombados na batalha. 8. Os que ocupavam Alésia, depois de terem criado muitos transtornos a eles próprios e a César, finalmente se entregaram. 9. O chefe supremo da guerra, Vercingetorige, tomou as mais belas de suas armas, enfeitou o cavalo e saiu pelas portas da cidade. 10. Deu volta em torno de César que estava sentado, e então saltou do cavalo e lançou longe a armadura. Sentando-se aos pés de César, permaneceu imóvel, até que foi entregue por ele para ser posto sob vigilância em vista do seu triunfo”. (PLUTARCO,2007, p.191)

Este último encontro entre o general romano e Vercingetórix descrito César, é relatado por outros historiadores, sendo tema de diversas descrições, principalmente no século XIX (SCHMIDT, 2010, p.156). A rendição descrita neste documento trouxe representações nas pinturas, quadrinhos, cartazes, mercadorias, filmes etc. Cada uma diferente, seja do ponto de vista do conquistado ou do conquistador. Vercingetórix vai ser tratado como o primeiro a unificar as comunidades gauleses, ato inimaginável para um romano. (SCHMIDT, 2010, p.156)

Posteriormente, este encontro final será usado para uma epopeia de usos e abusos da história, colocando o líder gaulês como herói nacional. Os *Commentarii de Bello Gallico* é um texto fundador da história da França (MARTIN,2000, p.03); com ele, foram construídas tanto as imagens da Gália e dos gauleses ao longo dos séculos, como também de Roma e dos romanos e destes em relação aos gauleses. É por Roma e pelos romanos que os gauleses se tornam conhecidos aos seus “descendentes” (SILVA, 2007, p.62).

As diversas representações de Vercingetórix são baseadas nos *Commentarii de Bello Gallico*, de César, que em uma de suas passagens diz:

⁴ Plutarco: *César*

“VII, LXXXIX - São a tal respeito mandados embaixadores a César, que ordena sejam entregues as armas e trazidos à sua presença os chefes... são para ali levados os chefes; rende-se-lhe Vercingetórix, são depositas as armas” (CÉSAR,2001, p.236).

As armas sendo depositas diante de César apontam para diversas representações; sejam elas do ponto de vista do derrotado ou do vitorioso, cada uma envolve diferentes implicações, usos e abusos da história, invenções e reinvenções mitológicas, que ora exaltam a César, ora a Vercingetórix.

A guerra da Gália fez de Vercingetórix um líder que posteriormente se transformaria em defensor das causas nacionais. Além disso, sua imagem não foi abalada pela derrota, tendo sido reapropriada como a de um grande guerreiro. Como observa Suzane Citron, com o passar dos séculos, o povo francês se vê descendente dos bravos gauleses (CITRON, 1989). Defensor dos gauleses contra a invasão romana, Vercingetórix posteriormente será percebido como herói das causas nacionais, ícone da luta pela defesa territorial, tornando-se um símbolo na França; tanto que suas representações influenciaram a arte, monumentos, quadrinhos etc.

A imagem de Vercingetórix foi fortemente reapropriada como herói nacional juntamente com os gauleses, pois representam o espírito francês. (SIMON,1989, p.133). O próprio César o descreve como “*moço muito poderoso*” (Livro VII. IV) reconhecendo quem ele era.

A historiografia começou a lançar diversas teses sobre gauleses e Vercingetórix, consagrando seu mito e o elevando a herói nacional. Importante ressaltar que César não escreve ou descreve as qualidades de seu inimigo gaulês, por outro lado, a historiografia irá trazer diversas qualidades do arverno. Rastoul em 1930, destaca-as construindo a figura do líder como: “*Génie militaire, courage indomptable, inspitations éloquentes, tous lês dons du héros, toutes les vertus du citoyen découragé la jeunesse de Vercingetórix*”⁵. No mesmo ano Moreau–Christophe escreveu:

⁵“Gênio militar, coragem indomável, inspirações eloquentes, tudo de um herói, todas virtudes de cidadão do jovem desencorajado Vercingetórix.” Tradução do autor

*“ Enfin la Gaule avait un chef, que les vertus héroïques [...]. Et il propose un monument à Vercingetórix, Le plus illustre des héros du plus glorieux [...].”*⁶ (SIMON 1989,29p.)

A historiografia francesa constrói a imagem de Vercingetórix, sobretudo no século XIX em que os primeiros trabalhos começam a serem publicados. A fonte escrita por Júlio César passa a ser modificada pela historiografia moderna, fazendo de Vercingetórix o primeiro herói nacional, exaltando-o e principalmente mudando sua imagem de derrotado. As fontes antigas refletem seu entendimento nos séculos posteriores, ocorrendo usos e abusos da história, reinvenções mitológicas.

A construção de sua imagem não atinge somente a historiografia, mas também outras formas de registro, tais como as revistas em quadrinhos. Criada por Albert Uderzo e René Goscinny, *Asterix* surge na década de 1960 como um personagem gaulês com a missão de impedir sua tribo de uma dominação romana. Importante notar que o personagem faz dos romanos meros “bobões”. Sempre com medo dos gauleses, as batalhas nunca eram ganhas; César em alguns volumes se torna motivo de piada, fazendo uma reapropriação dos gauleses descritos pelo general romano, mas apropriada nas histórias em quadrinhos em que o público alvo são as crianças. A identidade francesa comumente será lembrada nas escolas, o ambiente perfeito para a monumentalização do herói Vercingetórix. Essa memória da nação visa uma espécie de controle do passado (e, conseqüentemente, do presente) (SILVA, 2007, p.57). Desde o século XVIII particularmente a figura de Vercingetórix é constantemente retomada pelos franceses com o intuito de mobilização em prol de alguma causa, seja ela na Revolução Francesa, Segunda Guerra mundial ou em outros momentos. No século XIX, por exemplo, a história na França se encontrará relacionada a práticas muito marcadas pela ideia de Estado-Nação, com suas construções e memórias convenientes (SILVA, 2007, p.57), às quais se ligarão a história da Gália e dos gauleses. No século XIX, a figura do herói Vercingetórix influenciou as artes. Royer, em seu quadro *Vercingetórix jette ses armes aux pieds de Jules César*⁷, mostra como o líder derrotado se tornou um herói pelo fato de se mostrar “vitorioso” na derrota. Um dos exemplos de que no século XX o mito nacional de Vercingetórix e dos gauleses ainda é um grande fator mobilizador, está no sucesso que

⁶ “Em fim a Gália tem um chefe que suas virtudes heroicas. E propõe-se um monumento a Vercingetórix o mais ilustre dos heróis o mais glorioso” Tradução do autor

⁷ Vercingetórix joga as armas aos pés de Cesar: tradução do autor

conhece, ainda hoje, *“Asterix e Obelix”*. A coleção de Uderzo e Goscinny irá monumentalizar os gauleses e fazer dos romanos os verdadeiros “derrotados”. A memória nos permite abrir caminhos para um passado longínquo, para tentar entendê-lo para o presente, sendo a questão identitária, o seu grande vetor. Como observa Norberto Luiz Guarinello.

“A memória é uma reflexão sobre o passado, um debruçar-se sobre esses vestígios presentes para selecioná-los, agregá-los, condensá-los, destrinchando a espessura temporal do agora, para dar sentido, não tanto ao passado, como o próprio presente” (GUARINELLO, 1993, p.187-188).

Portanto temos a imagem do general romano construída para uma autopromoção, visando glória e prestígio frente ao senado romano. Como político, César sabia da importância de uma vitória para a obtenção de mais poder; sendo assim um homem forte em Roma conquistando fortuna, terras e um número maior de legiões fiéis. Seus inimigos deveriam passar uma imagem positiva, ou seja, uma guerra grandiosa e importante para o povo romano, por isso foi descrita como fortes. Vercingetórix teve sua imagem ligada à nação francesa, apesar de ter perdido a batalha para Caio Júlio César, sua representação não ficou marcada pela derrota, mas sim como vitorioso; além disso, resistiu bravamente aos romanos e perdeu como herói juntamente com os gauleses.

Dos séculos XVI ao XVII, não são marcados somente pela descoberta do “Novo mundo”, mas isto implica em raízes mais profundas, como no problema da identidade das sociedades europeias; pois transtorna, em primeiro lugar, *“os sistemas de representação nos quais eram tradicionalmente pensadas a definição de “civilização” na Europa ocidental.”* (OLIVIER, 2003, p.35). De certo modo os ameríndios eram o primitivo.

“Do século XVI ao XVII, os ameríndios, homens selvagens por excelência, são representados como tudo o que não são os homens civilizados. As diferenças sobre as quais se fundam, então, as classificações, são, principalmente, de três ordens, que são a religião, a moral e a ordem social: para a maior parte dos europeus, os “selvagens da América” não têm religião; seus costumes são, então, satânicos. Essas pessoas vivem, por outro lado, nuas, como nos primeiros tempos onde a humanidade foi

cassada do paraíso terrestre, o que significa que eles não têm valores ou moral. Enfim, os ameríndios não têm poder constituído ou hierarquia social; ou seja, eles ignoram a sociedade. O “selvagem americano” é, então, a figura do outro, a imagem negativa do europeu. Mas ele está tornando-se igualmente o espelho no qual o homem moderno vai procurar um reflexo “natural” de si próprio, a imagem de uma suposta pureza original diante da corrupção da civilização... No decorrer da primeira metade do século XVIII, alguma coisa então mudou na maneira de abordar as sociedades ameríndias: digamos outra coisa, que ultrapassa a tradicional relação à selvageria, e que inscreve essa relação em uma perspectiva geral de tipo histórico. Distante no espaço, as populações “selvagens” dessas regiões recuadas são consideradas, a partir de então, igualmente, como distantes no tempo: nesse sentido, os ameríndios seriam populações “primitivas”, que conservariam uma imagem de nossas origens. ” (OLIVIER, 2003, p.36-38)

O avanço da arqueologia trouxe descobertas de objetos destes povos, pois havia certa semelhança com outros artefatos encontrados na Europa. Estas descobertas trouxeram pesquisas em que se buscava comparar as duas sociedades tão distintas em tempo e espaço.

”Em 1724, Antoine de Jussieu apresenta uma comunicação na Academia de Ciências, na qual a utilização que fazem os “selvagens” do Canadá e do Caribe de objetos em pedra lascada é posta em paralelo com a presença de objetos tecnicamente comparáveis, descobertos em solo europeu (Jussieu 1875). (OLIVIER, 2003, p.38)

A busca pelo passado gaulês se estende em trabalhos arqueológicos na França no século XVIII. Com influências do iluminismo e da revolução, os franceses partem para a construção da nação, e isto influenciou a arqueologia a qual buscou estudar mais profundamente os gauleses. As identidades não estão ligadas aos nossos genes, são formadas e transformadas no interior da representação. Isso também se dá em relação à história nacional. Segundo Stuart Hall (2006, p.48), a nação não é uma entidade simplesmente política, mas sim algo que produz sentimentos. As pessoas não são apenas cidadãos legais, elas participam da ideia de nacionalismo. A nação é uma comunidade

simbólica e isso faz gerar um sentimento de identidade, pertencimento e partilha de valores comungados, que tem por base à própria cultura.

“Mas mais particularmente na França, o desenvolvimento da Arqueologia se inscreve em uma concepção nova de sociedade, que encontra suas origens no pensamento social e político da filosofia das Luzes e da Revolução, com a invenção da Nação como entidade comum nas origens históricas da coletividade. A Arqueologia francesa em seu conjunto se desenvolve a partir dessa mudança de paradigma, à origem de natureza política, que encontrou uma tradução particularmente forte no domínio da Pré-História, onde se focalizou sobre a evolução das técnicas, particularmente com Mortillet no século XIX e Leroi-Gourhan no pós-guerra. Na perspectiva francesa, a Arqueologia desempenha, então, naturalmente, um papel ideológico e político maior, na medida em que, globalmente, ela restitui a evolução da humanidade, e, localmente, ajunta testemunhos das origens e da continuidade da Nação. Isso explica, sem dúvida, porque, tradicionalmente, o Estado ocupa na França um lugar tão importante na condução da Arqueologia. Cometeríamos, então, um grave erro considerando a Arqueologia francesa como a-teórica. Ao contrário, se a Arqueologia francesa parece tão pobre em sua pesquisa de teorias interpretativas é, no fundo, porque o passado já está teorizado e porque o quadro de sua interpretação já está fixado antes mesmo que a disciplina entre no jogo.”
(OLIVIER, 2003, p.57)

Os *Commentarii de Bello Gallico* inspiraram outras formas além da historiografia, tais como mercadorias, pinturas, história em quadrinhos entre outros. No capítulo seguinte uma análise será feita de como as fontes antigas (*Bello Gallico*) influenciaram a arte e os quadrinhos.

5.2 USOS DO PASSADO; CÉSAR, GAULESES E OS ROMANOS NOS QUADRINHOS E NA PINTURA

Com a historiografia, a França construiu os gauleses e Vercingetórix; todavia, isto atinge outras áreas como os quadrinhos e a pinturas. As fontes antigas servem de grande aparato para a construção de algo, e há uma diversidade de formas em que ela aparece,

quer seja em revistas, desenhos, games, cinema, novela, política e etc. A antiguidade sempre é retomada para lembra alguma coisa ou até mesmo servir de aparato como as Histórias em quadrinhos de Asterix. Usar o passado requer cautela, pois a visão dos produtores nem sempre é a mesma dos fatos históricos. Como exemplo, pode-se citar a sexualidade romana sendo representada com um olhar contemporâneo. Asterix não foge deste usos e abusos da história antiga. No cinema, um filme americano sobre a conquista da Gália será completamente diferente de um francês; pois um buscará exaltar seu passado e seus heróis, e outro buscará apenas uma boa produção cinematográfica. Alguns destes exemplos serão analisados como a pintura de Lioner Royer que irá mostrar uma visão francesa sobre a rendição de Vercingetórix.

Albert Uderzo⁸, René Goscinny⁹, Jean-Michel Charlier, Jean Hébrard e François Clauteaux, em 1959 criam a revista "*Pilote*". No dia 29 de outubro de 1959, o número UM da *Pilote* apresenta, na página 20, a primeira prancha das *Aventuras de Astérix, o Gaulês*, aos seus leitores. A revista conseguiu vender 300 mil exemplares no primeiro dia¹⁰, René Goscinny continua a acrescentar outros personagens como *Iznogoud* (Tabary¹¹), o *Menino Nicolau* (Sempé¹²), *Lucky Luke* (Morris), *Valentin* (Tabary), *Les Dingodossiers* (Gotlib¹³), etc¹⁴. Hoje Asterix é um ícone nacional.

Um exemplo dos últimos anos que mostra como Asterix virou o preferido do povo francês, foi uma propaganda¹⁵ feita pela rede de *fast-food* Mc Donald's. O jornal o Globo¹⁶ traz a reportagem sobre o ocorrido no ano de 2010. O anúncio causou revolta entre os franceses, os quais enxergaram tal reportagem como uma afronta. Alguns até chegaram a escrever: "*Meu herói de infância sacrificado como um porco selvagem! O que vem depois? Tintin comendo no Subway?*", escreveu um blogueiro com o apelido de "*sirchmallow*". A reportagem ainda diz: "*O McDonald's tem sido alvo frequente do*

⁸ Albert Uderzo nasceu em Fismes, no Marne, no dia 25 de abril de 1927

⁹ René Goscinny nasceu em Paris, a 14 de agosto de 1926 e no dia 5 de novembro de 1977, René Goscinny morre durante uma prova de esforço realizada aquando de um *check-up*. Tinha 51 anos.

¹⁰ Informações retiradas do site oficial do Asterix <http://www.asterix.com/os-criadores/rene-goscinny/>

¹¹ Cartunista francês Jean Tabary

¹² Desenhista francês Jean-Jacques Sempé

¹³ Desenhista Macel Gotlib

¹⁴ Informações obtidas na página oficial do Asterix, assim como a vida dos autores, <http://www.asterix.com/>.

¹⁵ Anexo I

¹⁶ Ver a reportagem completa em: www.oglobo.globo.com/cultura/propaganda-de-asterix-comendo-mcdonalds-enfurece-franceses-2963529

sentimento anti-americano na França, e tem sido visto por muitos como símbolo da ameaça à cultura e culinária francesas imposta pela globalização e a junk food. ”

Atualmente, as histórias em quadrinhos estão traduzidas em diversas línguas, não somente ganhando público na França, como também em todo mundo. Em 2002, os quadrinhos ganham as telas de cinema com o filme *Missão Cleópatra*, do diretor Alain Chabat, tendo reunido 14.557.020 espectadores e conquistando o prêmio de maior sucesso da história do cinema francês (ROUVIÉRE, 2008, p.10). Os personagens gauleses dos quadrinhos têm a terminação de seus nomes em *-ix*, seguindo o modelo Vercingetórix. Os cartunistas fizeram um *tour* não só pelo território anteriormente compreendido como a Gália, mas em diversos países, envolvendo, assim, diversas culturas. Os quadrinhos terão por objetivo sempre conduzir o leitor para o contexto da época, sendo os personagens envolvidos sempre descritos no começo da revista (ROUVIÉRE, 2008, p.27-28). Os autores não desenham somente os gauleses na Gália, mas se expande para outros países. O interessante é notar como os franceses vão retratar os espanhóis, ingleses, egípcios, alemães, e etc.

O contexto em que as revistas foram criadas também é um importante vetor para se entender a importância da construção da revista em quadrinho, pois os autores usam fatos contemporâneos à época para dar início as histórias de Asterix. A década de 1960 é um período conturbado da história mundial, como exemplo, têm-se a guerra fria, guerra do Vietnã, as descolonizações na África, maio de 1968, feminismo e etc.

A Europa ainda mantinha traços do imperialismo do século XIX, as colônias na Ásia e África entraram em processo de independência pós-segunda guerra mundial, a França possuía suas colônias na África e agora estas estão se desvinculando de sua metrópole.

Em todo o mundo houve um avanço do “ princípio de nacionalidade”. Todos os estados do planeta, pelo menos oficialmente, são “nações”; todos os movimentos de libertação tendem a ser movimentos de libertação “nacional”. (HOBSBAWM, 1990, p.195). Com estes movimentos em alta, a África e a Ásia passam a se desvincular de suas metrópoles europeias. No final da década de 1950, a descolonização asiática estava completa. Enquanto isso, a região do islã ocidental, da Pérsia (Irã) ao Marrocos, era transformada por uma série de movimentos populares, golpes revolucionários e insurreições. (HOBSBAWM,1995, p.217).

A França resiste ao levante pela independência nacional na Argélia (1954-62). A guerra argelina foi um conflito de uma brutalidade peculiar, a qual ajudou a

institucionalizar a tortura nos exércitos, polícia e forças de segurança de países que se diziam civilizados. Popularizou o infame uso posterior e generalizado da tortura com choques elétricos aplicados a línguas, bicos de seios e órgãos genitais, e levou à derrubada da Quarta República (1958) e quase à da Quinta (1961), antes que a Argélia conquistasse a independência que o general De Gaulle há muito reconhecia como inevitável. (HOBSBAWM,1995, p.218).

Enquanto isso, o governo francês havia negociado com discrição a autonomia e independência de dois outros protetorados norte-africanos: Tunísia (que se tornou uma república) e Marrocos (que continuou sendo uma monarquia). No mesmo ano, os britânicos discretamente abriram mão do domínio sobre o Sudão, que se tornara inviável quando eles perderam o controle do Egito. Não está claro em que momento os velhos impérios compreenderam que a Era dos Impérios acabara definitivamente. Sem dúvida, em retrospecto, a tentativa da Grã-Bretanha e da França de reafirmar-se como potências imperiais globais na aventura de Suez em 1956, parece mais condenada ao insucesso do que evidentemente parecia aos governos de Londres e Paris, que planejaram junto com Israel uma operação militar para derrubar o governo revolucionário do coronel Nasser, no Egito. (HOBSBAWM,1995, p.218)

Na África francesa, a Guiné foi arremessada numa precoce e empobrecida independência em 1958, quando seu líder, Sekou Touré, recusou o convite de De Gaulle para entrar numa "Comunidade francesa", que combinava autonomia com estrita dependência da economia francesa, tomando-se o primeiro líder negro obrigado a buscar ajuda em Moscou. Quase todas as demais colônias britânicas, francesas e belgas, foram liberadas em 1962, e o restante pouco depois. (HOBSBAWM,1995, p.219)

De qualquer modo, em fins da década de 1950, já ficara claro para os velhos impérios sobreviventes que o colonialismo formal deveria ser liquidado. (HOBSBAWM,1995, p.218).

A revista *Pilote*¹⁷ criada em 1959 se insere neste contexto conturbado do século XX, e isto servirá de grande fonte para as histórias de Asterix. Como veremos mais a baixo as Hq de Asterix misturam fatos antigos e contemporâneos.

Outro exemplo a ser abordado é a arte. Temos diversos exemplos em que a pintura traz uma visão diferente dos documentos, como o quadro do artista Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), *Independência ou Morte*¹⁸. Seguindo o mesmo exemplo,

¹⁷ Primeira revista em que Asterix aparece.

¹⁸ Mais informações <http://www.museudoipiranga.com.br/acervo/>

alguns pintores franceses irão retratar nas pinturas eventos históricos, e um deles é Lionel Royer (1852-1926), pintor francês do século XIX e início XX, e traz para as telas uma das passagens de Júlio César; a rendição de Vercingetórix. Em aproximadamente 52 a.C Vercingetórix é derrotado em Alésia por Júlio César. O final da batalha é descrito pelo general no *De Bello Gallico*.

“ VII, LXXXIX- Estabeleceu o mesmo o seu tribunal num forte em frente dos arraiais: são para ali levados os chefes; rende-se-lhe Vercingetórix, são depositas as armas... (CÉSAR,2001, p.236) ”

A pintura *Vercingetórix jette ses armes aux pieds de Jules César* de Lionel Royer vai retratar este evento histórico. Observe-se que a data do quadro é de 1899, mais de 1900 anos após o evento da rendição. Outro fato que nos chama a atenção na data é que foi feito cem anos após a revolução francesa.

Figura 1 – Pintura Vercingetórix joga as armas aos pés de César



Vercingetórix jette ses armes aux pieds de Jules César, óleo sobre tela, Lionel Noel Royer, 1899, Museu Crozatier, Le Puy-en-Velay¹⁹.

¹⁹ Disponível: http://collegerousseau.fr/index.php?id_menu=57&id_article=38&PHPSESSID=8631ebfa2357d160c359de9825b5a368

O General romano está com seu manto vermelho, cercado de tropas e olhando nos olhos de Vercingetórix, que não abaixa a cabeça, mas mostra grande coragem. As armas sendo jogadas no chão não deixam sinais de humilhação e o líder tem mais destaque que o próprio Júlio César. As cores também ajudam, assim como cavalo branco e a capa amarela a destacar o líder gaulês.

Nota-se que Vercingetórix é o personagem central do quadro. Todos olham para o líder arverno. As duas forças estão de frente uma para a outra, Júlio César de um lado e o gaulês do outro.

Figura 2 – Visão de Vercingetórix



Figura 3 – Vercingetórix e Júlio César



O quadro retrata um evento 1900 anos depois, e o pintor usa de alguns detalhes anacrônicos, como se pode observar nas partes em destaque.

Figura 4 – Elementos anacrônicos no quadro



Em um primeiro momento, vemos um incêndio que jamais aconteceu de acordo com os documentos, um cavalo da raça percheron, incomum à época, uma couraça do século VIII a. C e, também, sapatos modernos e calções merovíngios²⁰.

Observa-se que esta obra é uma construção para a exaltação de Vercingetórix, o qual mesmo sendo derrotado, sua figura não está abalada. Isto se faz necessário para a glorificação de um herói nacional.

A rendição de Vercingetórix possui diversas representações, sejam eles em gravuras, quadrinhos, filmes e etc. Cada uma, porém, vai exibi-la de diversas formas, todas vão interpretar o mesmo evento histórico, mas de diferentes pontos de vista.

Uderzo e Goscinny vão retratar a mesma cena, mas de um ponto de vista diferente. Os autores provocarão César, que com uma postura vitoriosa e majestosa é surpreendido pelas armas de Vercingetórix que são jogadas literalmente aos seus pés

²⁰ Philippe Smette – Conseiller pédagogique – Dunkerque Centre - 2005

(ALLÈGRE, 2010, p.21). A visão heróica e patriota dos autores traz a glorificação de Vercingetórix e a ridicularização de César. As tiras abaixo são dos volumes “*Asterix e o escudo arverno*” e “*Asterix, o Gaulês.*”

Figura²¹ 5 – Rendição de Vercingetórix nos quadrinhos



Nota-se que Uderzo enfatiza a figura atlética do gaulês, trazendo uma representação de “super-homem”. A caricatura de Vercingetórix é desenhada como de um atleta, com ombros e costas largos, pernas e cintura fina. Os autores fabricam o herói das lendas que se sacrificou pela união nacional (ROUVIÉRE, 2008, p.43).

Em outra revista, “*Asterix e o escudo arverno*”, a rendição de Vercingetórix é representada na cena famosa das armas sendo jogadas ao chão, mas o líder gaulês não perde seu status de “forte” e rende-se a César com “dignidade”. Deste modo, os quadrinhos nos mostram uma versão diferente daquela dos *Commentarii de Bello Gallico*, na qual o líder gaulês, mesmo derrotado, faz César motivo de piada.

²¹ Disponível em: Asterix e o Escudo Averno (1985) e Asterix, o gaulês (1961).

Não somente a cena sobre a rendição é retratada, nos quadrinhos temos diversas regiões que vão ser representadas pelo autor. Uderzo vai construir outros lugares e povos sempre monumentalizando os gauleses e ridicularizando os romanos. A seguir, temos alguns exemplos e análises de como a história antiga tem se colocado em meio aos quadrinhos de Asterix e Obelix.

No Brasil, as histórias em quadrinhos ganharam outros padrões de âmbito nacional. A independência é o tema usado para a questão de nacionalidade e de memória coletiva brasileira. Criado pelo cartunista brasileiro Mauricio de Souza, a turma da Mônica fez das histórias em quadrinhos um ícone nacional e, assim como Asterix e Obelix, os quadrinhos serão utilizados para mostrar um pouco da história do Brasil; não somente para o público infantil, como também para todos. O autor, em uma das suas coleções sobre a *Independência do Brasil*, fará com que seus personagens incorporem D. João, Dom Pedro I, entre outras figuras históricas. As histórias em quadrinhos objetivam levar as crianças a se interessarem mais pela história do Brasil, facilitando a compreensão do assunto, pois trazem a ideia de simultaneidade (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p.21-25). Os elementos visuais despertam um interesse maior pelos quadrinhos, proporcionando uma compreensão da história contada (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p.21-25). Nos quadrinhos abaixo, vemos uma semelhança da abertura da história criada por Goscinny e Uderzo, com aquela da história descrita por Souza.

Figura²² 6 – Abertura da revista “ Asterix”



Figura²³ 7 – Abertura da revista “ “Independência do Brasil”



A página inicial dos quadrinhos visa conduzir o leitor a entrar no mundo da ficção, colocando-o no cenário da época. A caixa de texto esconde a península Ibérica, assim como, também, as regiões da Suíça e da Alemanha não estão representadas. A França é a Gália e a Gália é a França (ROUVIÈRE, 2008, p.36)

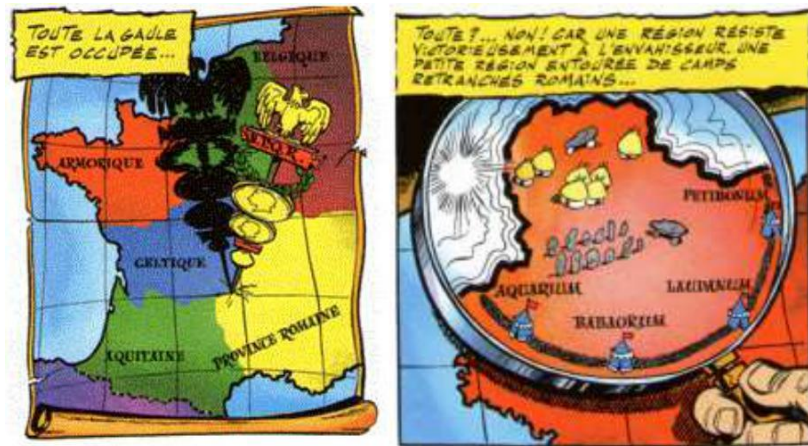
Figura²⁴ 8 – Aldeia de Asterix a as guarnições romanas



²² Asterix e o Escudo Averno (1985)

²³ Você sabia? Turma da Mônica. Independência do Brasil. Editora globo

²⁴ Asterix, o gaules (1968).



A águia ao centro representa o Império Romano, levando o leitor diretamente à narração da história. Lutécia está representada no mapa como a capital da Gália, trata-se de uma reconstrução fictícia. Nos quadrinhos, a letra U é trocada pela letra V; trata-se de um anacronismo, para levar o leitor ao mundo da ficção. As tribos romanas representadas no mapa também levam o leitor ao mundo da fantasia. O mapa da Gália traz uma conotação cômica da história (ROUVIÉRE, 2008, p.27-29). Nos quadrinhos da turma da Mônica não foi diferente, como se pôde ver.

Em mais uma revista, “*Asterix e Obelix e o escudo arverno*” vemos outra vez César sendo ridicularizado pelos povos bárbaros. O escudo de Vercingetórix é roubado e logo depois é perdido pelo mesmo centurião romano que o roubou. Enquanto isso, *Asterix* e *Obelix* desafiam *Francinus*, amigo de César, que perde a luta com seus soldados. O romano recorre ao general, que propõe um desfile sobre o escudo arverno para este povoado gaulês, mostrando, assim, que o povo “rebelde” lhe deve respeito. Quem sai perdendo é o general, quem desfila sobre o escudo perdido, mas que é achado por *Asterix* e companhia é o líder da tribo, *Abracurcix*, mostrando, assim, o orgulho gaulês, como o evidencia a frase abaixo.

Figura²⁵ 9 – Asterix e o escudo arverno

O general romano, mais uma vez, é motivo de piada. O escudo do líder derrotado agora é usado para mostrar o triunfo gaulês. César não consegue conquistar a Gália dos bravos gauleses, e isso o incomoda; nesse sentido, planos são colocados em ação para que as tribos gaulesas caiam. A revista “*Obelix e Cia*” nos mostram mais uma das tentativas do general romano. Nesta história, um dos servos tem um plano de “contaminar” a tribo com a ambição do dinheiro para que assim, eles se esqueçam da guerra. Os quadrinhos não dão espaço para os planos ambiciosos de Roma, e tudo o que o general faz, não sai tal como o planejado.

²⁵ Asterix e o Escudo Arverno (1985)

Figura²⁶ 10 – Planos de César para corromper a aldeia de Asterix



Nota-se que nas revistas de Asterix e Obelix os autores são anacrônicos, pois ao mesmo tempo em que ele leva o leitor à antiguidade, Uderzo e Goscinny trazem os problemas do século XX para o mundo dos quadrinhos de forma bem irônica. As histórias fictícias das aventuras Asterix e Obelix se misturam com fatos reais, levando ao leitor a imaginar o acontecido de uma forma irônica (ROUVIÉRE, 2008)²⁷.

O álbum “*Asterix a Rosa e o Gládio*” têm em suas aventuras outro inimigo, as mulheres. A coleção vai mostrar a substituição do bardo *Chatotorix* por uma mulher barda vinda de *Lutécia*, gerando a discórdia na aldeia, as mulheres passam a exigirem mais direitos. Os homens das aldeias passam a fazerem as funções domésticas enquanto aqueles que discordam são expulsos da tribo. Os quadrinhos abaixo mostram a “revolução feminina”.

²⁶ Obelix e Cia.(1976)

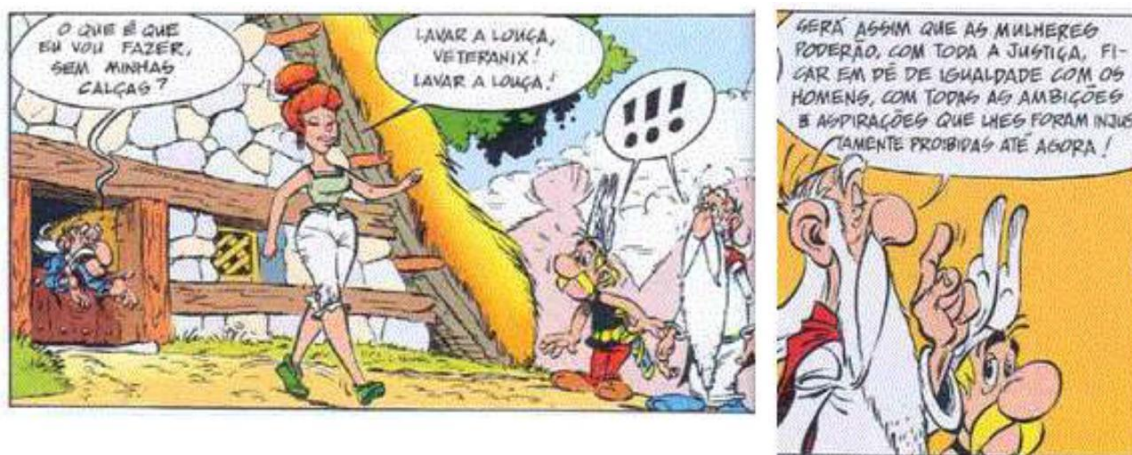
²⁷ O livro *Asterix ou la Parodie des Identités* traz uma série de análises sobre as revistas.

Figura²⁸ 11–Naftalina (mulher de Abracucix) sendo proclamada chefe



Poderiam esses quadrinhos terem se baseado nos movimentos feministas decorrentes das décadas 1960 e 1970? O que também chama a atenção é o fato das mulheres da tribo mudar de roupa; a tira a seguir a gaulesa pega a roupa do marido e adapta para o uso dela e “*manda*” seu companheiro para a cozinha lavar a louça. O druida da tribo em um dos quadrinhos diz algumas palavras interessantes como “*igualdade com os homens*”; é claro que ele não está escrevendo sobre um evento histórico do século I a.C, mas decorrente do século XX, em que as mulheres passaram a lutar pelos seus direitos.

Figura²⁹ 12– Elementos feministas nas tiras



Um episódio na antiguidade faz das mulheres o centro de uma guerra. Elas decidem fazer uma “greve de sexos” para parar uma batalha.

A comédia “Greve do Sexo”, de Aristófanes, conta a história de uma guerra entre Atenas e Esparta que estava enfraquecendo toda a Grécia, e para selar a paz entre as duas cidades e fortalecê-las contra os Medos-Persas, as mulheres lideradas pela ateniense

²⁸ Asterix a Rosa e o Gládio. (1991)

²⁹ Asterix a Rosa e o Gládio. (1991)

Lisístrada decidem fazer uma “greve de sexos” para que seus maridos parassem a luta e estabelecessem a tranquilidade. A “greve” deu resultado e as duas cidades celebraram a paz. As gaulesas dos quadrinhos são diferentes das atenienses de Aristófanes, mas um fato comum as unem a “greve”, seja de sexo, cozinha, roupa, agora elas reivindicam seus direitos.

Os quadrinhos, ao mesmo tempo em que retratam a Antiguidade com as paisagens, as construções, os personagens de César e romanos e a própria abertura do quadrinho mostra isso (Estamos no ano 50 a.C). A Hq é anacrônica colocando o feminismo e a moda nas tiras algo que não estava presente na Antiguidade. No quadrinho abaixo, a barda usa uma calça e ela é descrita pelo autor com “*Djin*” muito parecida com “*Jeans*” tanto em aparência como em fonética. O próprio Obelix ri quando ele vê a mulher de calças o que não era comum na tribo.

Figura³⁰ 13 – Obelix rindo da calça “Djin”



Roma prepara um novo plano para conquistar a tribo gaulesa, desta vez eles colocam mulheres como legionárias se aproveitando do fato dos gauleses não baterem em mulheres. Após a investida feminina sobre a aldeia de *Abracurcix*, o chefe enviado por César, *Claudius Tomônibus* se espanta, pois, as guerreiras encontraram uma grande feira de roupas e logo se esquecem do seu objetivo inicial. As arenas de lutas, um dos símbolos do império logo é transformado em um desfile de moda, como diz a tira.

³⁰ Asterix a Rosa e o Gládio. (1991)

Figura³¹ 14 – Gaulesas organizando um desfile



Algumas palavras descritas pelos romanos em documentos históricos para descrever outros povos, são usadas contra eles próprios no mundo dos quadrinhos. “Bárbaros” e “Selvagens” são palavras destinadas à povos “não romanos” entre eles, os gauleses que tem como conotação não-civilizado e agora os romanos é que são tratados como os não-civilizados e Júlio César é um nome de ofensa.

Figura³² 15– Romanos sendo chamados de “bárbaros” e “selvagens”



³¹ Asterix a Rosa e o Gládio. (1991)

³² Asterix a Rosa e o Gládio. (1991)

Figura³³ 16 – Nome “César” como ofensa



O autor faz questão de fazer outro anacronismo, sempre que um dos personagens vai se dirigir a outro com palavras ofensivas, o símbolo nazista é colocado representando propositalmente uma ironia à Alemanha de Adolf Hitler.

Figura³⁴ 17 – Símbolo nazista



Lutécia, a capital da Gália, é comparada a Paris. O quadrinho abaixo mostra com as frases, “*E Lutécia, cara Maestria? Fale-nos sobre aquela que chamam de cidade de luz*”. A cidade luz é uma referência a Paris; e o fato de Lutécia ser a capital fictícia está ligado ao nome que designava na Antiguidade a região hoje conhecida como Paris.

Os quadrinhos não ficaram somente na Gália, mas as aventuras partem para outros países como Egito e Bretanha; o autor fez questão de Asterix e Obelix seguirem por várias províncias do Império romano. Júlio César é o personagem transformado em piada, pode ser pelo fato de ele próprio ter derrotado Vercingetórix e conquistado a Gália, logo sendo tratado ironicamente nos quadrinhos, em vários volumes que aparece ele nunca consegue derrotar os gauleses.

³³ Asterix e os Normandos. (1969)

³⁴ Asterix e os Normandos. (1969)

Em outra coleção, *Asterix e Cleópatra*, César está mais uma vez presente e agora ele faz uma aposta com a rainha dizendo que o Egito agora era decadente e não possuía mais gênios arquitetônicos, Asterix e Obelix vão a Alexandria ajudar o amigo arquiteto a provar para o general que o Egito possui suas grandezas. Em uma das tiras, chama a atenção o fato de que os autores colocam as frases de César dirigidas a Cleópatra, tendo Roma representada com importante papel frente ao Egito, mas isso será uma armadilha para o general, que perde a aposta e, mais uma vez, é motivo de piada.

Figura³⁵ 18 – Egito sobre domínio romano



Uderzo e Goscinny misturam o mundo dos quadrinhos com o real, pois em umas de suas tiras Obelix sobe na esfinge e o resultado de sua atrapalhada escalada é a quebra do nariz, mostrando como a escultura é conhecida nos dias atuais.

Figura³⁶ 19 – Obelix e a Esfinge



³⁵ Asterix e Cleópatra. (1970)

³⁶ Asterix e Cleópatra. (1970)

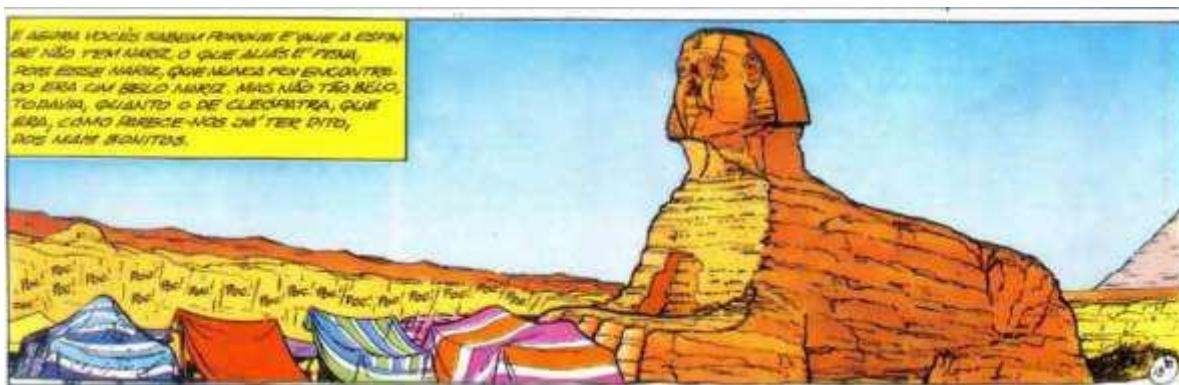
Outro fato que conecta o mundo dos quadrinhos é o fato de o nariz da esfinge nunca ter sido encontrado, mas nas histórias de Asterix ele é enterrado pelos personagens para evitar problemas.

Figura³⁷ 20 – Obelix e o nariz na esfinge



Os autores deixam uma nota para que o leitor entenda o que aconteceu com a obra egípcia. *“E agora vocês sabem por que é que a esfinge não tem nariz, o que aliás é uma pena, pois esse nariz, que nunca foi encontrado era um belo nariz. Mas não tão belo, todavia, quanto o de Cleópatra, que era como parece-nos já ter dito, dos mais bonitos.”*

Figura³⁸ 21 – A esfinge e o nariz



Os Beatles estarão presentes nas aventuras de Asterix. A banda inglesa, formada em 1962, e dissolvida em 1970, conta com os músicos George Harrison, Jonh Lennon, Paul Mac Cartney, Ringo Star. Na revista *“Asterix entre os Bretões”* a banda inglesa será

³⁷ Asterix e Cleópatra. (1970)

³⁸ Asterix e Cleópatra. (1970)

representada por bardos – os mais conhecidos da Bretanha; nela, os músicos aparecem cercados por fãs histéricos e tentando pegar um autógrafo. (ALLÈGRE, 2010, p.130).

Figura³⁹ 22 – Beatles nos quadrinhos



Outro personagem que aparece é Napoleão Bonaparte. Na revista “*Asterix na Córsega*”, ele aparece como um exilado da Córsega. Ele é chamado *Buonapartix*, muito parecido com a pronúncia de Bonaparte, e seu nome é confundido por Asterix que o chama de *Napoleonix*.

Figura⁴⁰ 23 – Napoleão nos quadrinhos



Em mais uma edição de *Asterix e os normandos*, os Vikings são os novos personagens. A Hq ganhou as telas dos cinemas em 2006 com o nome de *Asterix e os Vikings* e algumas diferenças chamam a atenção.

³⁹ Asterix entre os Bretões. (2009)

⁴⁰ Asterix na Córsega. (1985)

A primeira é que tanto no filme como na Hq, os Vikings são representados com o capacete com chifres, uma imagem criada pela ilustração literária e depois popularizada pela ópera oitocentista (LANGER,2006, p.269).

O segundo ponto é a utilização de crânios como taças de bebidas.

Uma imagem fantasiosa muito mais antiga que a dos chifres, remontando a Heródoto e sua interpretação sobre os Citas, depois perpetuada por Jordanes e suas representações sobre os Hunos (LANGER, 2006, p.270).

Figura⁴¹ 24 – Vikings nos quadrinhos



A Hq conta a história do sobrinho do chefe *Abracurcix*, que vai passar suas férias na aldeia gaulesa e tem a seguinte recomendação do seu irmão para fazê-lo um verdadeiro guerreiro. Asterix recebe a missão de torná-lo “homem”, uma vez que ele perdeu o costume gaulês de força com a vida na cidade. O personagem se chama *Encucadix* e está caricaturado como um dos jovens roqueiros, aventureiros e rebeldes dos anos 1960. Sua presença causa certa inovação de comportamento perante a aldeia.

⁴¹ Asterix e os Normandos. (1969)

Figura⁴² 25 – Representação dos jovens roqueiros dos anos 1960



Figura⁴³ 26 – Arpa sendo usada como guitarra



Enquanto isso os normandos (Vikings) estão em busca do medo, e, para esta missão, estão dispostos a percorrer todo o mundo para saber como que é este sentimento. Enquanto Encucadix, Asterix e Obelix estão na praia, é avistado por eles um barco dos temíveis normandos. A narrativa vai mesclar períodos históricos diferentes, a Gália no tempo de César (século I a.C) com a era Viking (séculos VIII a X d.C).

⁴² Asterix e os Normandos. (1969)

⁴³ Asterix e os Normandos. (1969)

Figura⁴⁴ 27 – Vikings e o medo



Encucadix morre de medo dos normandos e decide voltar para Lutécia, contudo, no caminho, ele é sequestrado pelos guerreiros que decidem investigá-lo acerca do medo, uma vez que ele se demonstrou descontrolado a frente dos normandos.

Figura⁴⁵ 28 – Encucadix e o medo



A patrulha romana avista uma briga na praia causada por Asterix e Obelix pelo resgate do sobrinho do chefe, e as ordens romanas são de instaurar ordem naquele local. Logo quando chegam, eles são derrotados e voltam para a fortaleza. Uderzo e Goscinny trazem no episódio pouca coisa sobre os romanos, mas eles aparecem apenas para apanhar, e mesmo quando o inimigo é outro, Asterix e Obelix não perdem a sua postura e são tratados como destemidos, trazendo o medo para os normandos e os expulsando do território Gaulês.

⁴⁴ Asterix e os Normandos. (1969)

⁴⁵ Asterix e os Normandos. (1969)

Figura⁴⁶ 29 – Gauleses X Vikings

O 5º volume da coleção “*Asterix e a volta pela Gália*”, uma aposta é feita entre um derrotado centurião e Asterix, em que o romano duvidava que a dupla conseguiria dar uma volta pela Gália e trazer várias especiarias de toda parte. Em caso de derrota, o romano *Flordelotus* deixaria o cerco que havia construído em volta da tribo de *Abracurcix*. Asterix planeja como vai ser o “*tour*”.

⁴⁶ Asterix e os Normandos. (1969)

Figura⁴⁷ 30 – A Gália e a França



Após o “tour” em que os personagens passam de cidade em cidade coletando especiarias e fugindo da perseguição dos romanos, eles retornam à aldeia e mostram ao centurião que eles conseguiram vencer a aposta, fazendo mais uma vez os legionários de “babacas”. Importante notar que o autor é anacrônico ao usar o mapa da atual França e não da Gália romana.

Na coleção “Os louros de César” há novamente uma aposta, mas desta vez entre *Abracurcix* e *Homeopatix*, seu cunhado. Os dois começam a discutir quem é melhor e quem tem a comida mais saborosa, um representando a tribo gaulesa e outro Lutécia, os personagens acabam fazendo uma aposta, e *Abracurcix* diz que é capaz de fazer um ensopado com louros de César.

⁴⁷ Asterix a volta pela Gália. (1985)

Figura⁴⁸ 31 – Sopa com os louros de César



O fato nos leva a perceber que mais uma vez os romanos são motivo de piada, mas desta vez César é a vítima e a coroa que representa vitória, poder, agora será usada para preparar um ensopado. O autor fez questão de mostrar que deveria ser o louro do próprio general, e que não poderia ser outro. A missão de capturar a coroa de César é mais uma vez dos personagens Asterix e Obelix. Em toda a história eles percorrem o caminho até Roma e de lá preparam um plano para pegar a coroa sem que o general perceba. Para que César não desconfie, Asterix e Obelix contam com a ajuda de Leopoldinus, um escravo que será encarregado de manter a coroa do general sobre sua cabeça em um desfile. O próprio escravo troca a coroa verdadeira por outra falsa. Asterix leva os louros de César de volta à tribo, onde um ensopado é preparado e as pazes são seladas entre *Abracurcix* e seu cunhado.

⁴⁸ Os louros de César. (1985)

Figura⁴⁹ 32 – Triunfo romano e a troca da coroa de César



Ao final de cada revista vemos os planos de César quase perfeitos e eles sempre começam com Roma preparada para atacar.

⁴⁹ ⁴⁹ Os louros de César. (1985)

Figura 33⁵⁰ – Legiões romanas



Figura 34⁵¹ – Ataque romano à aldeia gaulesa



Tudo parece certo para uma grande vitória, mas sempre no final quem vence são os gauleses auxiliados por uma poção mágica que aumenta sua força, tornando-os assim invencíveis.

Figura 35⁵² – Romanos X Gauleses



⁵⁰ Asterix e o Escudo Averno (1985)

⁵¹ Asterix e o Escudo Averno (1985)

⁵² Asterix e o Escudo Averno (1985)

Em outra análise dos quadrinhos, têm-se o fato de que a batalha final de César sobre a Gália, a de Alésia, não está presente nas tiras. O lugar onde aconteceu a última batalha e que deu a vitória para Roma não existe nos quadrinhos, como vemos abaixo. Os autores fizeram questão de lembrar ao público leitor o lugar da vitória gaulesa, Gergóvia, e esquecer o da derrota, Alésia (ROUVIÈRE, 2008, p.44).

Figura⁵³ 36 – Alésia nos quadrinhos



O autor ainda faz mais uma sátira ao local de derrota gaulesa, quando *Asterix* pergunta a outro personagem onde fica Alésia, a resposta é a mesma: “*Não chabemos onde fica Aléjia!*”, e coloca uma nota sobre a batalha final, como mostra o quadrinho acima.

Os quadrinhos trazem diversas cenas em que os romanos sempre são tratados como piadas e os gauleses superiores. Nos documentos, César narra a sua guerra com Vercingetórix e sua vitória sobre a Gália.

⁵³ Asterix e o Escudo Averno (1985)

5.3. A HISPÂNIA ROMANA NO FIM DA REPÚBLICA E ASTERIX NA HISPÂNIA

A república romana é um período marcado por diversas guerras, seja ela contra um inimigo externo ou uma guerra civil. Júlio César, em 62 a. C, é mandado para governar a Hispânia Ulterior (Sul da Espanha) romana como diz Plutarco⁵⁴:

“Imediatamente após sua pretura, César recebeu a província da Hispânia⁵⁵, e, como era difícil para ele chegar a um entendimento com seus credores, que o importunavam e aturdiavam com seus gritos, quando procurava partir, recorreu a Crasso, o mais rico dos romanos, que tinha necessidade da força e do ardor de César, na oposição política a Pompeu. Depois que Crasso se encarregou dos mais difíceis e inflexíveis credores e se responsabilizou por 830 talentos, César partiu para a província”.
(PLUTARCO, 2007, p.159)

Este são os primeiros passos de César na política romana e logo em 60 a.C. ele lança sua candidatura a cônsul romano, o que a consegue retornando a Roma. César junto com Pompeu e Crasso formam uma aliança, o triunvirato.

O primeiro triunvirato, assim intitulado, foi uma aliança informal entre três cônsules (Caio Júlio César, Pompeu Magno, Marco Licínio Crasso), formado no ano 59.a.C. O objetivo dos três era claro: Pompeu queria que seus arranjos no oriente fossem reconhecidos e que seus veteranos fossem assentados; Crasso lutava para beneficiar seus amigos por meio da redução de taxas no comércio; já César era a figura mais vulnerável da aliança e desejava apenas o governo de uma província e o comando de algumas legiões. (SANT’ANNA, 2015, p.116)

No início do triunvirato Pompeu era aliado de Júlio César, pacto selado pelo casamento com Júlia, filha de César. A aliança durou até a morte de Júlia, após este fato ambos de tornaram inimigos políticos resultando em uma guerra civil, a ascensão meteórica de César atrapalhava toda a glória de Pompeu (SANT’ANNA, 2015, p.124). Diante deste cenário conturbado e com o grande aumento do poder de César, Roma

⁵⁴ Plutarco: *César*

⁵⁵ Ulterior

(senado) passa a temê-lo, assim como, Pompeu e seus aliados políticos. A guerra da Gália fez com que Júlio César ganhasse muito poder e isto causou certo incômodo no senado, o qual passa a ver o general romano como ameaça a República. Os senadores, juntamente com Pompeu, vendo este perigo, pedem a Júlio César que renuncie o governo da Gália, o que é prontamente negado. César, em defesa dos seus interesses, atravessa o rio Rubicão e marcha para Roma com suas legiões, e as tensões aumentam. Pompeu e seus aliados não conseguem reunir suas tropas rapidamente para combater César. Sendo a fuga de Roma a única alternativa, inicia-se assim, a primeira Guerra Civil. (CANFORA, 2007, 205p.)

Antes da fuga de Pompeu, César parte da Gália e chega à região da Gália Cisalpina (atual norte da Itália) e se depara com uma decisão importante atravessar ou não o rio Rubicão. Suetônio e Plutarco não diz:

“[32]1.Estando indeciso, ocorreu-lhe o seguinte prodígio. 2. Um homem de grande porte e de extraordinária beleza apareceu de repente, sentou-se bem perto e começou a tocar flauta. Além de pastores, também um grande número de soldados acorreu dos postos para ouvi-lo, entre eles alguns trombeteiros; o homem, apanhando a trombeta a um deles, lançou-se ao regato e, pondo-se a soar a trombeta com um sopro incrível, passou para outra margem. 3. Então César disse: “É preciso ir para onde nos convocam as mensagens dos deuses e a injustiça dos homens. O dado está lançado. ”⁵⁶ (SUETÔNIO,2007, p.57.)

“[32]5.Ele próprio subiu em um dos carros alugados e avançou primeiro numa outra estrada, depois desviou para Arímínio; quando chegou ao rio, que separa a Gália Cisalpina do resto da Itália (ele é chamado Rubicão), e começou a refletir, à medida que ele mais se aproximava do perigo e se perturbava em magnitude de seus atos ousados, fez então cessar a corrida. 6. Interrompendo sua marcha, levou sua decisão em si mesmo, silenciosamente, em muitas direções, passando de um parecer ao que lhe era oposto, e sua resolução então teve grande número de mudanças. 7. Muitas vezes, discutia suas dúvidas com os amigos presentes, entre os quais estava também Asínio Polião, considerando os grandes males que desencadearia a passagem do rio, e a grande fama disso que eles deixariam à posteridade. 8. Enfim, com um impulso do coração, como se abandonasse a reflexão para se lançar no futuro, pronunciou a frase que é o prelúdio comum para aqueles que mergulham em contingências

⁵⁶ O Divino Júlio

difíceis e ousadas: Que o dado seja lançado” e apressou-se para a travessia do rio; correndo daí em diante, chegou repentinamente a Arímimo e antes do amanhecer ocupou-a. 9. Conta-se que, na véspera da noite da travessia, ele teve um sonho pavoroso: parecia-lhe unir-se à sua própria mãe numa relação inconfessável. ”⁵⁷ (PLUTARCO,2007, p.199)

César atravessa o Rubicão e conquista a cidade de Rimini, Pompeu não teve outra alternativa a não ser fugir para a Grécia. Ele ainda possuía algumas legiões sob seu comando na Hispânia e no oriente, o que lhe dava uma leve vantagem sobre seu inimigo, mas, por outro, lado perdeu o controle da península itálica centro político. (SANT’ANNA, 2015, 128p.)

César na Hispânia enfrenta as legiões fiéis a Pompeu e ele escreve:

[38]⁵⁸ Com a chegada de Lúcio Vibúlio Rufo, que, como foi dito, tinha sido enviado á Hispânia por pompeu, e seus legados Afrânio, Petreio e Varrão, dos quais um governava a Hispânia citerior com três legiões, o outro, a Hispânia ulterior, do passo de castulão ao Guadiana, com duas legiões, e o terceiro, a partir do Guadiana, o território dos vetões e a Lusitânia, também com duas legiões, passam a dividir as atribuições: Petreio, deslocando-se da Lusitânia, através do território dos vetões, devia reunir todas as tropas com as de Afrânio; Varrão, com as legiões sob seu comando, cuidaria da Hispânia ulterior. Definido esse esquema, Petreio passa a recrutar cavaleiros e tropas auxiliares em toda a Lusitânia, e Afrânio, na Celtibéria, na Cantábria e entre as tribos bárbaras que se estendem até o Oceano. Concluída a incorporação, Petreio rapidamente se reúne a Afrânio através do território dos vetões e os dois decidem, de comum acordo, conduzir as operações na região de Lérida em razão de sua posição estratégica (CÉSAR, 1999, p.87)

[84]1. Enfim, os africanos, completamente bloqueados, há quatro dias sem forragem, com animais retidos dentro do acampamento, com falta de água, lenha e trigo, pedem conversações e, se possível, longe da presença dos soldados. 2. César recusou a condição e aceitou as conversações desde que fossem públicas; é dado como refém a César o filho de Afrânio. 3. Reúnem-se em lugar escolhidos por César. Afrânio se põem a falar perante dois exércitos: não era justo enfurecer-se com os generais e seus

⁵⁷ Plutarco: *César*

⁵⁸ Caio Júlio César: *Bellum civile: a Guerra civil – Primeiro livro*

soldados por terem querido manter lealdade a Pompeu, seu comandante supremo.4. Mas já tinham cumprido bem com seu dever e passados por bastantes sofrimentos: tinham aguentado até o fim toda sorte de privações; agora, porém, acuados, quase como feras, estavam impedidos de beber, de mover um passo; não tinham mais como suportar no corpo a dor e na alma a humilhação.5. Por isso se reconheciam vencidos; pediam e suplicavam, se houvesse ainda espaço para compaixão, que não fossem obrigados a caminhar para o derradeiro suplício. Essas declarações são feitas da maneira mais humilde e submissa possível. (CÉSAR, 1999, p.129)

Após encerrar as legiões fiéis a Pompeu, César responde

[85].12. Portanto, como tinha sido dito, deveriam deixar a província e licenciar o exército; se o fizessem, ele não faria mal a ninguém. Essa era a única condição de paz. (CÉSAR, 1999, p.130)

Com as legiões estacionadas na Hispânia, derrotadas, César parte para Roma, a fim de acabar com seus inimigos. Não pretende-se alongar muito a Guerra Civil; mas, após este episódio, Pompeu é obrigado a se retirar de Roma e fugir. O conflito termina com a morte de Pompeu no Egito em 48.a.C.

Os estudos sobre Roma não abrangem somente os dias atuais. Outros pensadores de outros séculos usam os acontecimentos deste episódio para trazer análises sobre diversos temas. Niccoló Machiavelli (1469-1527) escreveu os “*Discorsi*” em aproximadamente 1513 e 1517; nele, será analisado a obra de Tito Lívio. O autor identifica no passado os acontecimentos e os traz aos problemas da Itália renascentista para confirmar suas convicções acerca do presente, tendo o foco na política. A história romana irá servir de fonte para entender os problemas políticos da época. Maquiavel também irá analisar algumas passagens da guerra civil, ele nos diz:

É preciso ver, em primeiro lugar, o que se deve temer mais: se um exército mal comandado, ou um mal exército chefiado por um bom general. Para ficar com o que dizia César, uma coisa não é pior do que a outra. Ao chegar á Espanha, para dar combate a Afrânio e a Petreio, que tinham sob suas ordens um excelente

exército, César comentou que isso não tinha importância, “ quia ibat ad exercitum sine duce” (“porque ia enfrentar um exército sem comando”). Mas, quando foi à Tessália combater Pompeu, declarou: “ vado ad ducem sine exercitum” (“ vou enfrentar um comandante sem exército”). (MAQUIAVEL,1994, p.170).

A política romana deixou um legado muito importante para os séculos seguintes e seus conceitos sempre serão retomados. Maquiavel, em sua análise, diz sobre a importância de um bom líder e usa a figura de César para suas observações. Outras obras como “*O Príncipe*”, também traz a figura do príncipe e como ele deve agir.

Roma deixou um grande legado em diversas áreas como a política, arte, literatura, arquitetura, tecnologia, religião, militar, linguagem, etc. Nos quadrinhos não foi diferente, e a história romana serviu de grande aparato para a construção de Asterix na Hispânia. Mas, nesta Hq, não será retratada a guerra civil romana; em vez disso, os autores Uderzo e Goscinny trazem ao público uma outra história. As aventuras de Asterix na Hispânia são contadas a partir da dominação romana na península, faltando apenas uma tribo a ser conquistada por Roma. A Hq conta a história do filho do líder da aldeia que é capturado e levado para a Gália longe do seu povo. Acontece que é Asterix quem encontra o prisioneiro, o resgata e o leva de volta a Hispânia, derrotando assim, mais uma vez César. Ao analisar mais a fundo, temos vários elementos históricos nas tiras que nos mostram usos do passado, questões culturais e etc.

Em um primeiro momento temos umas das frases utilizadas por Júlio César em um dos discursos perante ao senado descrevendo sua vitória sobre *Fárnaces II do Ponto*, “*Veni, Vidi, Vici*” (Vim, Vi, Venci).

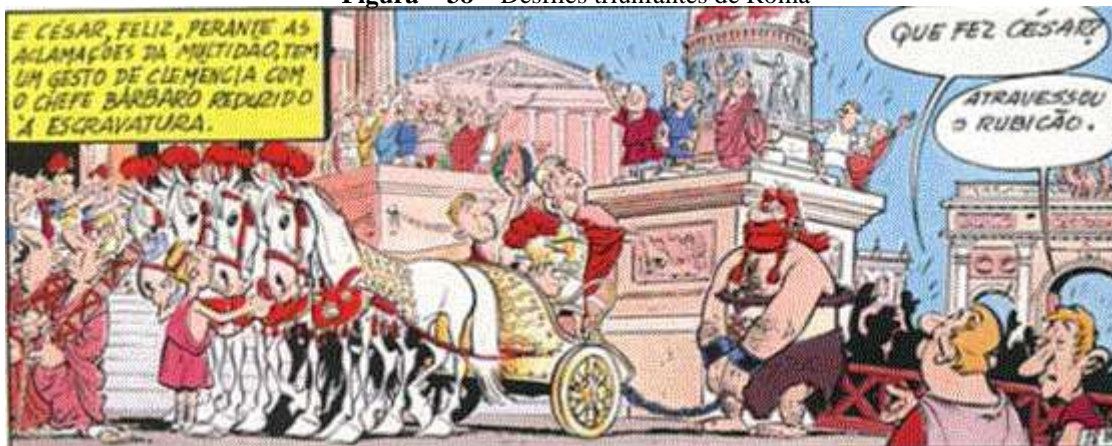
Figura⁵⁹ 37 – Frase famosa de César (Vim, Vi, Venci)



⁵⁹ Asterix na Hispânia. (1974)

Os desfiles triunfantes dos generais sobre a cidade de Roma.

Figura⁶⁰ 38 – Desfiles triunfantes de Roma



“*Beati pauperes spiritu*”, frase usada por Jesus Cristo no sermão do monte.
(Bem-aventurados os pobres de espírito)

Figura⁶¹ 39 – Bem-aventurados os pobres de espírito



⁶⁰ Asterix na Hispânia. (1974)

⁶¹ Asterix na Hispânia. (1974)

Figura⁶² 40 – Romanos com cachecol vermelho



Os romanos usam um cachecol vermelho em alusão aos militares franquistas. A aparição de Dom Quixote também é retrada nas Hq, sendo este personagem espanhol.

Figura⁶³ 41 – Aparição de Dom Quixote



Os ciganos também estão representados nos quadrinhos.

⁶² Asterix na Hispânia. (1974)

⁶³ Asterix na Hispânia. (1974)

Figura⁶⁴ 42 – Ciganos nos quadrinhos



As festas tradicionais em algumas regiões espanholas.

⁶⁴ Asterix na Hispânia. (1974)

Figura⁶⁵ 43 – Festa tradicionais espanholas



As touradas, um dos grandes símbolos da Espanha, também estão retratadas nas tiras, mas o interessante é que o personagem Asterix foi o inventor desta tradição. Um personagem francês “inventando” um dos elementos culturais espanhóis.

Figura⁶⁶ 44 – Tourada nos quadrinhos



Portanto, a revista “Asterix na Hispânia” é repleta de fatos anacrônicos de eventos da cultura espanhola e fatos antigos. Asterix se encontra com uma nova cultura, e o autor faz questão de focar as diferenças entre franceses e espanhóis na revista, colocando o personagem nesta nova aventura.

⁶⁵ Asterix na Hispânia. (1974)

⁶⁶ Asterix na Hispânia. (1974)

A Geografia utilizada pelos autores nos quadrinhos é diferente, algumas regiões não existem; outras, o nome é modificado. A Hispânia romana seria as regiões onde hoje se localiza Portugal e Espanha, mas nesta revista, especificamente, não há elementos da cultura portuguesa. Importante notar que esta revista traz a visão dos franceses sobre os espanhóis contemporâneos.

5.4 HISTÓRIA EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO

O ensino de História precisou passar por uma seleção de conteúdo, pois se torna impossível ensinar tudo. Circe Bittencourt em seu livro *Ensino de História: fundamentos e métodos* como que deve ser feita essa seleção. Ela analisa algumas propostas curriculares, dizendo que algumas oferecem uma seleção considerada de “conteúdo tradicional”, baseada nos currículos concêntricos, que ordenam os estudos do mais próximo ao mais distante, e se traduzem como o estudo de História do Brasil para posteriormente organizar os estudos da história antiga à Contemporânea. Outras propostas curriculares apresentam conteúdos organizados por eixos temáticos.

Durante o século XIX o grande problema brasileiro era em saber qual eram os seus heróis nacionais. Os ícones brasileiros começam com a luta contra o estrangeiro Depois com a valorização do bandeirante e dos missionários jesuítas se tornaram os novos heróis brasileiros que tinham a missão de catequizar e “salvar os gentios” e guerrear contra os “selvagens indígenas”. Nesta época:

“Ser brasileiro para essas gerações era ser branco e pertencer à cultura europeia. Não se indagava efetivamente quem era povo brasileiro”. (BITTENCOURT, 2004, p.36.)

Escravos e indígenas não faziam parte da História brasileira, e nos livros didáticos desta época não há referências destas populações. (BITTENCOURT, 2004, p.37)

O ensino de história está ligado à identidade nacional e no século XIX não foi diferente. Influenciada pela escola francesa e pelo cristianismo católico, no Brasil se ensinava uma história universal e poucos ensinados sobre o país. Com o passar dos anos

este pensamento mudou, e o ensino de história passou a fazer parte da academia, formando professores especializados em História.

O Professor não pode apenas se limitar a aquilo que foi aprendido na academia, é necessária uma aproximação com que o meio que vai além dos muros da escola. Os pais, também devem estar presentes no ensino de aprendizagem do aluno. É necessário que o aluno seja o centro do processo de aprendizagem.

A inserção de diversas linguagens e fontes documentais no ensino da História torna o processo de ensino-aprendizagem mais rico e abrangente e, se trabalhado sob uma perspectiva interdisciplinar, poderá se tornar ainda mais dinâmico, favorecendo outros aspectos da História. Nos livros didáticos, a inserção de fontes documentais possibilita uma maior visibilidade ao processo de construção do conhecimento histórico, o uso do documento para valorização do aluno como sujeito de conhecimento com capacidade de significação e para a referência ao professor como historiador, promovendo a indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

“A escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz não é uma tábua rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem provisoriamente. Por causa disso, muitas vezes, o ensino choca-se de frente com as concepções das aprendizagens.” (PERRENOUD, 2000, p.30)

É fundamental destacar a formação docente como elemento favorável à utilização de novas fontes, práticas pedagógicas e linguagens no ensino da História. A mobilização nos cursos de Licenciatura, visando à criação de espaços de reflexão sobre as práticas pedagógicas do ensino de História na sala de aula é fator essencial para que os professores se encontrem preparados para o cotidiano escolar, e também para as inovações que caibam aos contextos específicos. O uso de fontes e linguagens documentais, na teoria, já dá abertura às mudanças favoráveis ao ensino, mas ainda há um longo percurso a ser conquistado para que sejam notadas às possíveis melhorias no ensino da História no Ensino.

Os jornais e as revistas de época podem levar o aluno a entrar nas notícias e nos fatos que ocorriam naquele contexto, as fontes iconográficas, ilustrações, reproduções cartográficas, trazem uma melhor compreensão de períodos em que a tecnologia de

informação não estava tão desenvolvida, e essas representações levam os estudantes a entender como eram as formas que isto era colocado para a sociedade, sobre as pinturas, e desenhos. As músicas trazem aquilo que o autor queria falar para uma sociedade e as letras da ditadura em especial eram dirigidas ao regime, algo que era proibido, logo são fontes riquíssimas para entender como as pessoas se comportavam diante da ditadura. Cada uma das fontes citadas a cima tem o uso para o historiador, elas trazem muito sobre um passado que muitas sabemos pouco. Philippe Perrenoud, chama a atenção para a pedagogia diferenciada, na qual o uso de novas tecnologias traz uma maior aprendizagem à aula e atinge melhor os alunos. Com o avanço da Internet os alunos vêm a sala com um conhecimento prévio daquilo que será discutido.

A sala de aula se torna um espaço em que o aluno será formado um espaço que ele aprende a pensar, a interagir e expor suas ideias, um ambiente que será de grande importância para aumentar seu conhecimento.

“ A sala de aula pode ser este espaço formador para o aluno. Espaço em que ele aprende a pensar, elaborar e expressar melhor suas ideias e a ressignificar suas concepções, ao ser introduzido no universo dos saberes teoricamente elaborados e nos procedimentos científicos de análise, interpretação”
(GARRIDO, 2001, p.3)

O uso de histórias em quadrinhos em sala de aula se torna um destes elementos importantes que fazem com que o aluno aprenda de uma forma diferente.

5.5 CLAUDINHO E O ENIGMA DA AMPULHETA

Partindo do uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, propõem-se aos alunos uma construção própria de uma história em quadrinhos. Primeiramente, dá-se os primeiros passos para que eles possam seguir em frente; contudo, a ideia é que cada aluno continue com desenhos uma história iniciada. A hq tem por título “ *O enigma da ampulheta*” e parte da estória do personagem Claudinho é em uma excursão com sua turma ao museu. Os alunos auxiliados pelo professor, deverão terminar a história usando sempre o tema antiguidade, mais especificamente a Roma antiga, grupos de quatro a cinco pessoas deveram se formar para facilitar a criação a Hq e fluir com mais intensidade. O

professor apenas irá observar os grupos e auxiliá-los na construção da história. Ao final da história, os alunos discutirão o por que seguiram aquele caminho e quais foram os seus conhecimentos prévios sobre o tema.

Figura 45 – O enigma da Ampulheta

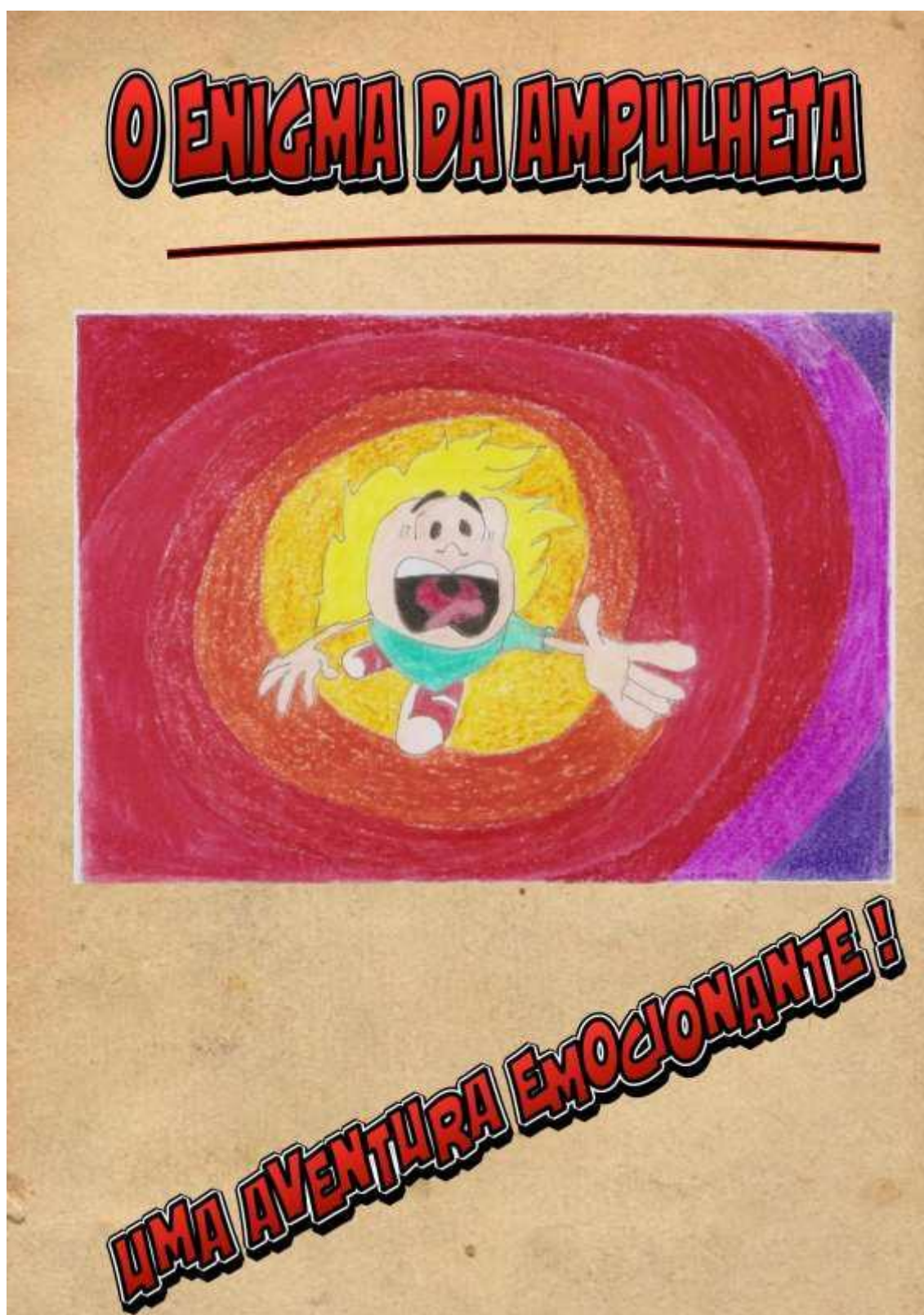


Figura 46 – Visita ao museu



Figura 47 – Ala do Egito



Figura 48 – Voltando no tempo



Figura 49 – Em Roma 50.A.C



5.6 MANUAL DO PROFESSOR

A continuação da história poderá seguir vários caminhos.

Primeiro caminho:

Claudinho ao andar por Roma se depara com um menino que também está perdido, mas sua história é diferente: ele não voltou ao tempo, e sim, se perdera de seus pais no meio de um evento na cidade. Claudinho decide ajudar o menino (Flávius) a procurar seus pais pela cidade, logo eles se deparam com uma multidão entrando em uma espécie de “estádio”, e então, ele se lembra das aulas de história e reconhece o coliseu.

Ao entrar no coliseu os meninos acabam se perdendo, e acabam entrando na ala dos gladiadores. Ao ver que se meteram em uma tremenda encrenca, tentam sair, mas não conseguem, e acabam entrando na arena junto com os gladiadores. Os meninos por serem baixinhos e ágeis conseguem desviar dos gladiadores, e juntos, o derrotam e saem vitoriosos da arena. Na multidão, os pais de Flavius avistam seu filho e ficam aflitos, mas nada podem fazer. Após saírem da arena Claudinho tenta achar os pais de Flavius, e logo os encontram, e então, entrega o menino são e salvo imediatamente. Claudinho sente algo estranho, uma dor de cabeça terrível, e acaba voltando no tempo, momentos antes de tocar na ampulheta.

Segundo caminho:

Ao reconhecer que estava em Roma Claudinho fica confuso, e não sabe o que fazer. Assim, ao andar pela cidade, se depara com dois estrangeiros que se chamam Arterix e Claudiorix, vindos da Gália (atual França), para recuperar um escudo que pertencia a seu chefe, mas que outrora fora roubado pelos romanos. Claudinho logo decide ajuda-los a recuperar o escudo que está na residência de César; mas, antes terão que elaborar um plano para que tudo saia perfeito. Ao chegar perto da residência de César, eles se deparam com vários soldados de guarda, protegendo o local. Então, Claudinho tem a ideia de jogar pedra nos romanos e atraí-los para longe, a uma distância em que os gauleses pudessem entrar no palácio e procurar o escudo. Claudinho atira a pedra e saí correndo, e os soldados logo atrás. Os gauleses entram, mas logo de cara se deparam com

uma guarnição romana que os prende. O nosso personagem agora tem duas missões; salvar os seus novos amigos e também libertá-los. Como ele é pequeno, se esconde facilmente pelo escuro palácio romano e vai em direção ao porão, pois imagina que os gauleses estejam presos por lá, mas, para surpresa do menino, ele se depara com um depósito de armas e encontra o escudo que seus amigos haviam lhe falado, ele pega o escudo, passa com muito cuidado sobre o soldado que se encontravam dormindo, e vai procurar os prisioneiros. Ele percebe que foram levados a outro lugar. Depois de muito procurar ele os encontra presos em uma cela próxima ao palácio. Com os soldados dormindo em um profundo sono, ele pega a chave com muito cuidado e liberta seus amigos, mas o que eles não esperavam era o barulho que a cela fez acordando assim o soldado. De imediato Arterix pega um pedaço de pau e taca na cabeça do soldado, fazendo-o dormir novamente e assim, eles fogem para longe daquele local. Quase fora da cidade, os gauleses o agradecem por terem ajudado. E, como recompensa, Claudinho ganha um punhal e imediatamente sua cabeça começa a doer e tudo em sua volta começa a girar. Ele acorda minutos antes de tocar na ampulheta com um punhal em sua mão.

Estes são apenas modelos que os professores podem seguir para facilitar a continuação da história. Cabe ao professor auxiliá-los com o final da história. Os resultados previstos são uma maior compreensão do mundo antigo mais particularmente Roma antiga. Ao final da elaboração do projeto da Hq, deve-se juntar os alunos para uma discussão sobre o tema Antiguidade, trazendo discussões não somente de Roma, mas também de outras civilizações antigas e seus legados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história antiga ganhou novas perspectivas como usos do passado, o que consiste em analisar as fontes antigas e como elas foram reapropriadas em busca de uma causa. Os gauleses de César tiveram sua imagem reapropriada pelos franceses para trazer ao público moderno uma visão diferente, não mais de derrotados e humilhados, mas de grandes guerreiros que lutaram bravamente contra as legiões romanas. Asterix e companhia fazem parte dos “usos e abusos” da história antiga e apresentam para os franceses uma história diferente da França antiga ou Gália romana. Com estes novos gauleses das Hq, os romanos são sempre humilhados, covardes, bobões e, além disso, Asterix faz de César motivo de piada em várias revistas. Asterix se tornou um símbolo nacional, um ícone que reviveu os gauleses. O interessante é notar que essa construção está diretamente ligada a memória, comumente baseada em algum evento histórico descrito pela historiografia. A memória permite abrir caminhos para um passado e tenta entendê-lo no presente. Asterix, de forma cômica, irá trazer a história da França de forma diferente daquela que conhecemos, não somente a França, mas outros países que faziam parte do império romano.

As histórias em quadrinhos são um meio de comunicação muito popular hoje em dia, tamanha essa popularidade não se deu por acaso. A produção, a divulgação e a comercialização em escala industrial permitiu o fácil acesso. (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p.7). Os quadrinhos não somente foram usados para o meio infantil, mas atinge outras áreas, tais como a propaganda política, entidades governamentais usaram a linguagem dos quadrinhos. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com a colaboração do célebre desenhista Will Eisner, utilizou fartamente os quadrinhos na elaboração de manuais para treinamento de suas tropas. (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p.19). O século XX foi de grandes transformações para as Hq, a sua inclusão nos materiais didáticos começou tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda se temia que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos – muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras –, começaram a incluir os quadrinhos com mais

frequência em suas obras, ampliando sua inclusão no ambiente escolar. (RAMA; VERGUEIRO, 2004, p.20)

Portando os quadrinhos não se limitam apenas a áreas da linguagem para o seu estudo, mas se expande, como para a história. Usar a Hq como fonte histórica hoje é possível. Asterix se torna um exemplo clássico de como a história está presente em cada tira, ao aprofundarmos nas revistas nos deparamos com uma infinidade de textos, deuses, costumes, e eventos históricos, se tornando um rico instrumento de trabalho para o historiador. Podemos analisar outras Hq como uma de super-heróis e se deparar com uma forte questão cultural para trazer ao público uma visão positiva da guerra por exemplo. (Capitão América). As histórias em quadrinhos trazem uma infinidade de temas a serem estudados e analisados.

Antiguidade teve um papel muito importante dentro da construção de conceitos de identidade, particularmente aquele de identidade nacional, e, também, da idéia de herança cultural (HINGLEY, 2002). Grécia e Roma são, ordinariamente, as civilizações antigas cujos padrões são mais comumente reivindicados (BERNAL, 2003 DROIT, 1991 DUBUISSON, 2001 VIDAL-NAQUET, 2002). Os gregos, pelos conceitos mais democráticos de cidadão, igualdade e leis, já os romanos, pela política. Esses conceitos vão ser retificados pelo homem moderno, como forma de estabelecer compreensões de questões que lhe são contemporâneas, como na revolução francesa (TRABULSI, 1998). Assim, a história atendeu à finalidade de legitimar o presente, mostrando como as noções de conceitos antigos, na modernidade, haviam sido herdadas do passado (RAGO; FUNARI, 2008).

Ao propor a análise de um evento histórico em fontes distintas, em gênero, conteúdos, significados e temporalidades crê-se levar a termo a compreensão da amplitude de uma análise historiográfica.

REFERÊNCIAS

BERNAL, Martin. A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia. Tradução de Fábio Adriano Hering. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). In: **Repensando o Mundo Antigo**. IFCH/UNICAMP, 2003. Coleção Textos Didáticos.

BITTENCOURT, Circe M.F. **Propostas curriculares de História: continuidades e transformações**. SP. Fundação Carlos chagas e campinas, 1998.

BITTENCOURT, Circe M.F. **Ensino de História: fundamentos métodos**. SP. Cortez editora.2004.

BLÁZQUEZ.J.M, MONTENEGRO. A, ROLDÁN.J.M, MANGAS.J, TEJA.R. SAYAS.J.J, IGLESIAS.L.G, ARCE.J. **Historia de España Antigua: Hispania Romana**. Impreso em artes gráficas Benzal. Madrid. 1985

CANFORA, Luciano. **Júlio César: O Ditador Democrático**. Estação Liberdade, São Paulo, 2007.

CÉSAR, Caio Júlio. **Guerre des Gaules**. Paris. Les Belles lettres, 2000

CÉSAR, Caio Júlio. **Guerra da Gália**. Trad. Francisco Sotero dos Reis. Edição eBooksBrasil.2001

CÉSAR, Caio Júlio. **Bellum civile: a Guerra civil**. Trad. Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo. Estação liberdade .1999

CITRON, Suzane. **Le mythe national: l'histoire de France em question**. Paris. Edi. 1989.

DROIT, Roger-Pol. **Les Grecs, les Romains et nous. L'antiquité est-elle moderne?** (Org.) Paris. Le Monde Editions, 1991. (Deuxième Forum Le Monde Le Mans)

DUBUISSON, Michel. Réflexions sur l'actualité de l'Antiquité gréco-romaine. In: **Histoire de l'Antiquité. Orient, Grèce, Rome**. Liège. 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). In: **Repensando o Mundo Antigo**. IFCH/UNICAMP, 2003. Coleção Textos Didáticos.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. CARVALHO, Margarida Maria. CARLAN, Claudio Umpierre. SILVA, Érica Cristhyane Morais. (orgs) **"História Militar do Mundo Antigo: guerras e identidades"**. São Paulo: Annablume. 2012.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GARRAFFONI, Renata Senna. **Antiguidade e Modernidade: Considerações sobre a busca do Antigo**. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA Nacional de História, 26, 2011. Anais. São Paulo, ANPUH, 2011.p.1-6.

GARRIDO, Els. **Ensinar e Ensinar**. CENGARE Learning. São Paulo.2001.

GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. **Asterix o Gaulês**. Trad. Tânia Calmon. Rio de Janeiro: Record, 1968.

_____. **Asterix e o Escudo Averno**. Rio de Janeiro. Editora Record.1985.

_____. **Asterix a volta pela Gália**. Rio de Janeiro. Editora Record.1985

_____. **Obelix e Cia**. Rio de Janeiro. Editora Record.1976.

_____. **O Combate dos Chefes**. Rio de Janeiro. Cedibra. 1966.

_____. **Asterix e Cleópatra**. Rio de Janeiro. Cedibra. 1970.

_____. **À volta à Gália**. Meribérica/Liber Editores 1973.

_____. **Asterix e os Godos**. Rio de Janeiro. Cedibra.1969.

_____. **Os louros de César**. Rio de Janeiro. Record.1985.

_____. **Asterix Legionário**. Rio de Janeiro. Cedibra. 1967.

_____. **Asterix e os Normandos**. Rio de Janeiro Cedibra.1969.

_____. **Asterix a Rosa e o Gládio**. Rio de Janeiro. Record. 1991

_____. **Asterix na Córsega**. Rio de Janeiro. Record.1985

_____. **Asterix entre os Bretões**. Rio de Janeiro. Record.2009

_____. **Asterix na Hispânia**. Rio de Janeiro. Cedibra.1974

GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Edições 70. Lisboa. 1999. 19

GUARINELLO, Norberto. **Memória coletiva e história científica**. Revista Brasileira de História: São Paulo. 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, Rio de Janeiro, 2006

HINGLEY, Richard. **Imperialismo Romano: Novas Perspectivas a partir da Bretanha**. Annablume. 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914- 1991**.São Paulo: Companhia das Letras, 1995

- HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MACHIAVELLI, Niccoló, 1469 – 1527. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. Trad. de Sérgio Bath, Brasília, Editora universidade de Brasília, 1994, 3ed.
- MARTIN, Paul. **La Guerre des Gaules – La Guerre Civile**. Paris: Elipses, 2000.
- MARTYSZAK, Philip. **Os Inimigos de Roma: De Aníbal a Átila, o Huno**. Trad. Sônia Augusto. Barueri, SP. Manole, 2013
- MENDES, Musco, Norma. **Sistema Político do Império Romano do ocidente: um modelo do Colapso**. DP&A. Rio de Janeiro. 2002
- MOSES, Finley. **Política no mundo Antigo**. Edições 70. Lisboa 1983.
- OLIVIER, Laurent. As origens da arqueologia francesa. In: FUNARI, P.P. A. (Org.). **Repensando o Mundo Antigo**. Campinas. IFCH/Unicamp. 2003. p. 35-62.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Editora: ARTMED EDITORA. Porto Alegre. 2000.
- RAGO, Margareth (Org); FUNARI, Pedro Paulo Abreu. (Org). **Subjetividades Antigas E Modernas**. São Paulo. Annablume 2008
- RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Valdomiro (org.). **Os quadrinhos na aula de história. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004
- ROUVIÉRE, Nicolas. **Astérix ou La parodie des identités**. Éditions Flammarion, 2008.
- SANT'ANNA, Henrique Modanez de. **História da República Romana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SCHMIDT, Joël. **Júlio César**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre. RS: L&PM, 2010.
- SILVA, Glaydson José. **História Antiga e Usos do Passado: Um Estudo de Apropriações da Antiguidade Sob o Regime de Vechy**. Annablume. São Paulo.
- SIMON, André. **Vercingétorix et l'idéologie française**. Paris. Imago, 1989.
- SOUZA, Maurício. **Você sabia? Turma da Mônica. Independência do Brasil**. Editora globo.
- SOUZA da SILVA, Paulo Roberto. **A Figura de César, Autor e Personagem, nos Commentarii De Bello Gallico**. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2006.
- TRABULSI, José A. Dabdab. **Liberdade, igualdade, Antigüidade: a revolução francesa e o mundo clássico**. Phoênix . Rio de Janeiro. 1998.

VERISSIMO. O. Diego. **O perfil de Vercingetórige no De Bello Gallico de César.** Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2008.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os gregos, os historiadores, a democracia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ANEXOS

Anexo A - Propaganda do Mc Donald's

